

CARTA PASTORAL

CRISTO EM VÓS: A ESPERANÇA DA GLÓRIA



ANACLETO OLIVEIRA
BISPO DE VIANA DO CASTELO



EDIÇÃO

Título: Cristo em vós: a esperança da glória
Autor: Anacleto Oliveira
Editor: Diocese de Viana do Castelo
Ano: 2011 / 1ª edição
Tiragem: 10000 exemplares
Design: Edgar Afonso
Impressão: PlanoZen, Lda
ISBN: 978-989-97503-0-2
Depósito Legal: 333896 / 11

CONTACTOS

Paço Episcopal
Av. Paulo VI, 735 — Darque
4935-058 VIANA DO CASTELO
www.diocesedeviana.pt

APOIO

Confraria de Santa Luzia

CARTA
PASTORAL

CRISTO
EM VÓS:
A
ESPERANÇA
DA GLÓRIA



ANACLETO OLIVEIRA
BISPO DE VIANA DO CASTELO

·§[ÍNDICE]§·

INTRODUÇÃO 07

PRIMEIRA PARTE 11
Ao encontro comigo próprio

SEGUNDA PARTE 27
Ao encontro de Cristo

TERCEIRA PARTE 51
Com Cristo ao encontro com os outros

CONCLUSÃO 67

“No início do ser cristão,
não há uma decisão ética
ou uma grande ideia,
mas o encontro com um
acontecimento, com uma
Pessoa que dá à vida um
novo horizonte e, desta
forma, o rumo decisivo.”

in Bento XVI, *Deus caritas est*, n.º 1.

·[INTRODUÇÃO]·

²⁴*Agora, alegre-me com os sofrimentos que suporto por vós
e completo o que falta à paixão de Cristo, na minha carne,
em benefício do Seu corpo que é a Igreja.*

²⁵*Dela me tornei servidor, em virtude do cargo
que Deus me confiou a vosso respeito,
isto é, anunciar-vos em plenitude a palavra de Deus,*

²⁶*o mistério que ficou oculto ao longo dos séculos
e que foi agora manifestado aos Seus santos.*

²⁷*Deus quis dar-lhes a conhecer em que consiste,
entre os gentios, a glória inestimável deste mistério:
Cristo em vós, a esperança da glória!*

²⁸*E nós O anunciamos, advertindo todos os homens
e instruindo-os em toda a sabedoria,
a fim de os apresentarmos todos perfeitos em Cristo.*

²⁹*É para isso que eu trabalho, combatendo com o apoio da Sua força,
que actua poderosamente em mim.*

Col 1, 24 – 29

01 Diz-nos o Santo Padre Bento XVI, na sua primeira Encíclica,¹ que “**no início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo.**” Com estas palavras somos convidados, pelo menos implicitamente, a fazer a maravilhosa experiência a que se referem: a de nos encontrarmos com Cristo.

É é primariamente para isso que eu, caríssimos Diocesanos de Viana do Castelo, vos escrevo esta minha primeira Carta Pastoral, como vosso Bispo: para ir, com cada um de vós, à origem do ser e agir cristão, comum a todos nós, para que cada qual possa descobrir ou reavivar, em primeiro lugar para a sua vida, o novo horizonte, o rumo decisivo de que nos fala o Santo Padre.

E que este encontro pessoal com Cristo terá efeitos determinantes na revitalização da nossa Diocese, disso não tenho a menor dúvida. É como em qualquer família: a sua vida depende, acima de tudo, do contributo que recebe dos seus membros. Na grande família cristã, que é a Igreja, depende da presença imprescindível e vivificante de Cristo, o seu fundador e Senhor, em cada cristão.

Ele próprio no-lo diz, servindo-se de uma imagem fácil de compreender numa terra como a nossa: *Eu sou a videira, vós sois os ramos. Se alguém permanece em Mim e Eu nele, esse dará muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer.*²

02 São Paulo diz o mesmo, mas talvez de um modo mais concreto, com a expressão de Col 1, 27 que escolhi para título desta Carta: **Cristo em vós, a esperança da glória.**

1. *Deus caritas est*, n.º 1.
2. Jo 15, 5.

Trata-se da glória que Ele próprio alcançou pela ressurreição de entre os mortos. Como veremos, sobretudo na primeira parte, é a mesma glória pela qual cada um de nós, como todo o ser humano, mais suspira e luta. Mas, quantas vezes, desconhecemos como alcançá-la, ou então seguimos opções duvidosas e até erradas! Cristo mostra-nos e abre-nos o caminho que Ele mesmo percorreu, caminhando connosco — Cristo em nós.

Ele estará em nós, na medida em que cada um a Ele se confiar, acolhendo-O no Evangelho em que nos é anunciado, a mais bela e feliz notícia que alguma vez ressoou e continua a ressoar na história da humanidade. Sobre isso reflectiremos principalmente na segunda parte.

E se Ele estiver em cada um de nós — ao ponto de cada qual poder exclamar com São Paulo: *Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*³ — sentiremos também uma necessidade irreprimível de sermos seus mensageiros, na Igreja e no mundo. E quantas pessoas esperam, talvez sem disso terem consciência, pelo nosso testemunho! Será esse o tema dominante da terceira parte.

03 Este encontro com Cristo, cujo itinerário proponho a seguir, tem de ser primariamente pessoal. Nenhum de nós pode transmitir o que não tem e não vive. E só na medida em que o vive, o seu testemunho será convincente. Foi sempre assim na história do cristianismo. Mas hoje ainda mais, numa sociedade como a nossa em que o modo de viver de tantos cristãos, e, quiçá, até de responsáveis na Igreja, é uma negação da mensagem em que dizem acreditar.

Para que cada qual, guiado pelo caminho aqui proposto, possa realmente encontrar-se com o Senhor, sugiro que tenha em conta as seguintes **orientações de leitura**:

—Cada pessoa se esforce por fazer uma leitura individualmente considerada. Isto é, pergunte-se a si próprio se o que lê se aplica a si e como, concretamente.

Para facilitar esta personalização, usarei, muitas vezes, a primeira pessoa do singular. Neste caso, o “eu” do texto deve ser en-

tendido pelo leitor como o seu próprio “eu”. E como cada um tem a sua história pessoal, mesmo em muito daquilo que ela tem de comum com a de outros, procure ler muito mais do que o texto explicitamente sugere, descendo ao mais concreto da sua vida.

—Mas uma leitura personalizada não significa que seja apenas individual. Pelo contrário: juntamente com outros será talvez mais fácil descobrir aspectos que eu, só por mim, não descobriria e que afinal se aplicam ou podem aplicar a mim próprio. Mas, mesmo então, nunca se abandone a perspectiva pessoal do encontro com Cristo.

Peço particularmente às pessoas mais comprometidas na vida da Igreja Diocesana para que incentivem e organizem, mormente na área da sua actividade, esta leitura e reflexão por grupos.

—Em grupo ou individualmente, a leitura deve ser lenta e meditativa, repetida e, necessariamente, repartida por diferentes ocasiões. Teremos, para isso, todo o ano pastoral que estamos a iniciar.

Aproveitem-se, especialmente, os tempos liturgicamente mais intensos (do Advento e Natal, da Quaresma e Páscoa) ou de celebração de outras festividades de âmbito paroquial, arciprestal ou diocesano ou até alturas de repouso (semanal ou anual), isto é, os tempos mais propícios à reflexão que leve ao encontro com o Senhor.

—Todos os diocesanos são convidados a isso, começando pelos mais responsáveis: o bispo e os sacerdotes, os religiosos e as religiosas e outros consagrados, os seminaristas e os cristãos leigos mais empenhados em paróquias e movimentos, na catequese e actividades afins de transmissão da fé, na liturgia e em acções sócio-caritativas.

Que cada um de nós venha a sentir-se de tal modo possuído por Cristo, que possa dizer, mais uma vez com São Paulo: *Para mim viver é Cristo*⁴, e, conseqüentemente, exclamar como ele: *Ai de mim se eu não evangelizar*!⁵

E na medida em que comunicar Cristo aos outros, crentes ou não crentes, descobrirá como Ele, o Senhor, se vai tornando cada vez mais vivo nas suas próprias vidas.

3. Gal 2, 20.

4. Fil 1, 21.

5. 1 Cor 9, 16.



·❧[PRIMEIRA PARTE]❧·

AO ENCONTRO COMIGO PRÓPRIO

04 É o primeiro passo para uma vida bem sucedida: encontrar-me, no sentido de conhecer-me a mim próprio. Já era esse o conselho de antigos sábios gregos, inscrito no templo de Apolo, para onde acorriam as pessoas em busca de sentido e energia para a sua vida: “Ó homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo.”

Pergunte-se, então, cada um a si próprio e com os olhos no modo como vive: Que procuro eu com o que penso e digo, projecto e realizo? E para o atingir, com que capacidades e meios posso eu contar? E que limites, fragilidades e eventuais fracassos tenho de enfrentar?

EU QUERO É VIVER

05 Dito de outro modo: morrer é que eu não quero. É um desejo inato, instintivo, que preside a tudo o que faço, em todos os lugares e momentos da minha existência, desde o seio de minha mãe.

Assim, alimento-me, acima de tudo porque sem isso não consigo viver. E nem precisei de aprender muito para o fazer. Veja-se com que facilidade um recém-nascido cola os lábios ao seio materno.

Ou repare-se nas pessoas ameaçadas pela fome, em si ou nos seus. Chegam mesmo a socorrer-se de meios “criminosos”, que, em circunstâncias normais, a voz de uma consciência bem formada certamente lhes proibiria.

E o mesmo sucede com outros bens essenciais para a minha saúde, física e mental: o vestuário que me resguarda de temperaturas que podem ser mortíferas; a habitação que, além de preservar a minha intimidade, me oferece conforto e segurança, a mim e aos meus. Quantas casas têm sido construídas entre nós, designadamente por emigrantes que assim vêem realizado um dos sonhos da sua vida!

É também para isso que me entrego ao trabalho, tantas vezes duro e desgastante, mas necessário, não apenas pelos bens que me proporciona, mas ainda como realização e desenvolvimento das minhas qualidades e capacidades. Daí o drama de muitos dos desempregados.

É ainda porque tudo faço para viver, que procuro instruir-me e cultivar-me. Entre nós, a escolaridade já é obrigatória durante 12 anos. E há pais dispostos a todos os sacrifícios, para que os filhos alcancem o curso por que sonham. Mas a formação continua, mesmo depois de deixarmos os bancos da escola ou da universidade. Parar é morrer, diz-nos a sabedoria popular.

Pela mesma razão, porque parar é morrer — e a morte é que eu de todo não quero — também por isso é que nos movimentamos. O exercício físico e mental é recomendado particularmente às crianças e idosos, isto é, nas fases da vida em que se torna mais necessário desenvolver ou manter a vitalidade. Mas o desporto, seja ele de que género for, não se restringe a qualquer idade. E cada vez conta com mais praticantes. Muitas vezes está aliado ao repouso: diário, semanal ou anual. Precisamos dele, acima de tudo, para retemperar ou readquirir as forças necessárias para as lutas de cada dia.

E, pensando bem, todas estas energias se concentram num único objectivo: na luta contra a morte, que o mesmo é dizer, contra todas as limitações a que está sujeita a minha vida. Limitada, deixa de ser vida, no seu sentido pleno. Por isso, não queremos apenas viver, mas sim:

VIVER MAIS

06 Um dos limites contra o qual eu mais luto é o da duração da minha vida. Como reajo eu, quando me sinto fraco ou enfermo? Chega a haver pessoas que tudo dão, por vezes até o que não possuem e têm de o pedir, para vencerem uma doença difícil ou até impossível de curar.

E os idosos? Difícilmente se encontra um que livremente se disponha a morrer. A não ser que a sua vida se tenha tornado insuportável, isto é, na prática, já não mereça chamar-se vida, tantas e tais são as limitações que a ameaçam ou destroem.

De resto, todos os bens atrás enumerados, desde a alimentação ao repouso, têm como finalidade última prolongar a vida ao máximo.

E o mesmo se diga das limitações do espaço. É para as vencer que dispomos de tantos meios de transporte, terrestre, marítimo e aéreo, criados e desenvolvidos pelo engenho humano, nomeadamente na era de globalização em que vivemos, para podermos deslocar-nos de modo cada vez mais veloz, seguro e confortável, para além de todas as fronteiras.

Também a nível da comunicação e informação existem hoje meios rápidos e fáceis, que nos permitem contactar em tempo real com qualquer pessoa ou empresa e em qualquer parte do mundo, sem sairmos de nossa casa. As modernas redes sociais, desde a televisão, passando pelo telemóvel, até à internet, fornecem-nos informações e permitem-nos intervenções, em cima dos acontecimentos e ao seu ritmo, já à escala interplanetária. E tudo isto em busca de mais vida.

Os emigrantes — e tantos têm sido entre nós, particularmente nos últimos 60 anos — deixam a sua terra, para poderem melhorar, em todos os sentidos, as suas condições de vida. O mesmo acontece com as gentes que arriscam as suas vidas contra a fúria do mar. E também alguns jovens, para sentirem mais vida, se lançam em velocidades que por vezes se revelam fatais...

E é ainda para que viva mais e melhor, que não me isolo e escondo na minha individualidade, mas preciso de conhecer e me dar a conhecer, de me relacionar com os outros.

VIVER COM OS OUTROS

07 Antes de mais, é deles que recebo praticamente tudo o que necessito para viver. Uma criança, até para se descobrir a si própria e formar a sua personalidade, precisa do contacto e confronto com os outros, a começar pelos que lhe estão mais próximos. E quanto sofrem os doentes ou idosos entregues à solidão! E a mim, quanto bem me pode fazer uma simples troca de palavras ou até de olhares com um familiar, amigo ou vizinho!

Mas é também para viver que me dou aos outros. Repare-se na alegria da mãe ou do pai que vêem a sua vida prolongar-se e alargar-se na vida dos filhos que geraram e criaram e, depois, na vida dos colegas e amigos dos filhos, dos netos e bisnetos, numa imparável e incontável cadeia de relações. Se não for fecunda, a vida deixa de ser vida.

Esse é também um dos principais motivos por que trabalho: para que a minha vida se estenda à vida daqueles que usufruem do produto da minha inteligência e dos meus conhecimentos, do meu talento e esforço. E que feliz se sente, por exemplo, um artista ou um professor que vê o seu talento a despertar ou desenvolver novos talentos!

Ou então com a linguagem: seja ela oral, escrita ou gestual, é sempre para transmitir o que eu sei, desejo ou sinto, isto é, algo que está dentro de mim, faz parte do meu ser. Daí que o peso e a eficácia duma palavra dependa, acima de tudo, do poder de quem a diz. Naturalmente, presto muito mais atenção a alguém que admiro ou estimo, e me influencia pela amizade, pela ciência ou outras formas de autoridade.

É ainda por isso que nos preocupamos tanto com o bom-nome, a fama, isto é, a imagem que os outros têm de nós. Nem que para tanto — como infelizmente se tornou quase comum — seja preciso esconder a realidade, se ela é negativa, sobrepondo o parecer ao ser: desde que os outros não saibam...

Mas este é apenas um de muitos outros desequilíbrios em que podemos cair, na preocupação de nos transcendermos, para irmos

mais além e subirmos cada vez mais alto na vida. Daí que seja igualmente fundamental:

VIVER COM O OUTRO

08 Que nós, os humanos, somos por natureza religiosos, é mais ou menos consensual, mesmo numa época como a nossa.

É verdade que hoje podemos usufruir de tantas e tão maravilhosas descobertas e progressos da ciência e da técnica que nos permitem melhorar, em todos os sentidos, as condições de vida. “Nunca se viveu tão bem” — ouve-se dizer com frequência. Chegou mesmo a prever-se que, aos poucos, o ser humano poderia um dia dispensar Deus.

Pois bem, tem sucedido exactamente o contrário: um pouco por toda a parte, e principalmente nos últimos tempos, tem crescido a atenção à dimensão espiritual e transcendente da vida humana e a consequente busca do religioso. Porquê?

É que os referidos desenvolvimentos científicos têm, afinal, contribuído também para acentuar as limitações humanas. Por um lado, por falta de princípios éticos, na sua aplicação. Quantas descobertas têm sido aproveitadas para o mal! Depende, acima de tudo, de quem delas se serve. Só que, para isso, precisamos, como se diz e bem, de um Deus que nos governe.

Mas até quem aproveita correctamente dessas descobertas, acaba, mais cedo ou mais tarde, por se aperceber de que há ainda muito, muito mais por desvendar, em si e no mundo à sua volta, e que a sua vida, por mais longa e bela que seja, um dia há-de terminar. E, acabando, deixa de ser vida.

Poderei eu, então, ser realmente feliz sem o Criador e Senhor da vida, o único que a pode garantir para além da morte e, assim, dar sentido à vida que tenho e levo neste mundo?

Por isso o Youcat,⁶ à pergunta “Porque procuramos Deus?”, responde: “A busca de Deus é natural na pessoa humana. Toda a

6. *Catecismo Jovem da Igreja Católica*, n.º 3.

sua aspiração pela verdade e pela felicidade é, no fundo, uma busca daquilo que a sustenta absolutamente, que a satisfaz absolutamente, que a torna absolutamente útil. Uma pessoa só está totalmente consigo própria quando encontrou Deus. «Quem procura a verdade procura Deus, seja isso evidente ou não para ela» (Santa Edith Stein)."

Santo Agostinho, que nas duas fases da sua vida experimentou de um modo particularmente contrastante a rejeição e a aceitação de Deus, diz praticamente o mesmo, mas com uma oração que bem pode ser a nossa:

“És grande, Senhor, e altamente louvável; grande é o Teu poder, e a Tua sabedoria é sem medida. E o homem, pequena parcela da Tua criação, pretende louvar-Te — precisamente ele que, revestido da sua condição mortal, traz em si o testemunho do seu pecado, o testemunho de que Tu resistes aos soberbos. Apesar de tudo, o homem, pequena parcela da Tua criação, quer louvar-Te. Tu próprio a isso o incitas, fazendo com que ele encontre as suas delícias no Teu louvor, porque nos fizeste para Ti e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em Ti.”⁷

Sentimos esta necessidade de Deus de um modo particularmente intenso, quando a vida mais nos foge, quando me acho perdido em noites de tormento e aflição ou em desertos de carências e desorientação. Então, a oração mais apropriada será talvez a do **Salmo 62/63**: *Senhor, sois o meu Deus: desde a aurora Vos procuro. A minha alma tem sede de Vós. Por Vós suspiro como terra árida, sequiosa, sem água...*

QUE DEUS?

09 É, pois, ponto assente que, sem Deus, não podemos viver: por um lado, o que eu mais desejo é uma vida sem limites de espécie alguma; pelo outro, sinto-me incapaz de a alcançar, se para isso contar apenas com os meios humanos de que disponho, tão limitados eles são.

Mas será mesmo o Deus vivo e verdadeiro que eu de facto procuro, isto é, Alguém realmente capaz de satisfazer totalmente o meu profundo desejo de vida? E como posso eu encontrá-lo?

A propósito do início do Salmo 62/63 há pouco rezado, escreveu ainda Santo Agostinho: “Há muitos que têm sede, mas não de Deus. Aquele que procura possuir alguma coisa, arde de desejo. O desejo é a sede do coração. Vede quantos desejos atormentam o coração dos homens: o ouro, a prata, as terras, as honras.”⁸

Não é que tais desejos, em si, sejam maus. Pelo contrário: por vezes, até das honras eu necessito, para salvaguardar ou reforçar a minha honra, o meu bom nome, e, conseqüentemente, a minha autoridade e poder de influência. Quanto maior ele for, mais eu posso realizar o bem.

Mas o que é bom pode tornar-se num mal, se eu o procuro, apenas ou predominantemente, a pensar em mim próprio e até à custa dos outros e do Outro. É aí que se situa a idolatria tão combatida na Bíblia. E são muitos os ídolos à nossa volta.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, “há idolatria desde o momento em que o homem honra e reverencia uma criatura em lugar de Deus, quer se trate de deuses ou demónios (por exemplo, o satanismo), do poder, do prazer, da raça, dos antepassados, do Estado, do dinheiro, etc..” Acerca deste último, diz ainda: “Toda a prática que reduza as pessoas a não serem mais que simples meios em vista ao lucro, escraviza o homem, conduz à idolatria do dinheiro e contribui para propagar o ateísmo.”⁹

Por isso, a idolatria não é apenas “uma perversão do sentido religioso inato no homem”;¹⁰ perverte também as relações humanas e arruína até quem a pratica. Veja-se o que se passa no mundo do desporto, da moda ou das finanças: quantas pessoas há que, para terem ou serem mais e mais, sacrificam não somente os outros, começando pelos familiares, mas até a si próprios, começando pela saúde! E porquê, se até sabem do mal que isso provoca?

7. Citado em *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 30.

8. Citação de: *Salterio. Salmos e Cânticos da Liturgia das Horas*, 4ª edição do Secretariado Nacional de Liturgia, pág. 275.

9. *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 2113 e 2424.

10. *Ibidem*, n.º 2114.

10 Contra o culto das riquezas, diz-nos Jesus: *Não podeis servir a Deus e ao dinheiro* (Lc 16, 13). Mas há quem tente fazê-lo. Há quem procure cumprir rituais especificamente religiosos e, simultaneamente, leve uma vida contrária à fé que diz professar. Este é um dos maiores escândalos de muitos cristãos, nos nossos dias. Mas — ainda pior do que isso — há mesmo quem se aproveite das coisas de Deus ou dos sentimentos religiosos de quem O procura, apenas ou principalmente para obter maiores lucros pessoais ou para subir na escala social.

Ninguém pense que está livre desta manipulação ou instrumentalização do sagrado, mesmo entre responsáveis de comunidades cristãs. A fronteira entre servir a Deus e aos outros ou servir-se de Deus e dos outros é mínima, até neste modo de a exprimir.

O fosso, porém, entre esta e outras formas de rejeição de Deus ou a Sua aceitação é abismal. Trata-se, conforme nos é dito em Dt 30, 15, de escolher entre *a vida e o bem* ou *a morte e o mal*.

Mas, se eu sei que é mesmo assim, e também não tenho dúvida alguma de que o que eu mais desejo é o bem e a vida, então por que razão tomo a opção errada? Por outras palavras: como se compreende o pecado de que ninguém está livre? Porque pecamos?

VIVER COM O PECADO?

11 Segundo Santo Agostinho, o pecado é “o amor de si próprio levado até ao desprezo de Deus.”¹¹ Isto é, o ponto de partida até é bom. Amar-se a si próprio é mesmo apresentado por Jesus como a medida para o amor ao próximo.¹² Quer isto dizer então que, mesmo ao pecar, o que no fundo eu procuro é viver?

Aparentemente, assim é. Quem se apodera de bens alheios, fá-lo habitualmente para melhorar a sua vida. E na origem do ódio ou da violência está, na maior parte das vezes, a defesa e preservação de bens próprios. Ou, ainda, quem abandona os familiares, designadamente crianças ou idosos, não será por causa dos distúrbios e incómodos que eles causam?

É provavelmente com base nesta irreprimível luta pela vida que o pecado é descrito em **Gen 3, 1-6**, com imagens tiradas do que é mais elementar para a vida. No fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal está representado aquilo que pode proporcionar uma ciência e um domínio absoluto de tudo o que me pode fazer feliz (no bem) ou infeliz (no mal) — um poder que me permitiria vencer os meus limites de criatura... e ser como Deus, como sugere a serpente.¹³ Mas, se aspirar a ser como Deus significa adquirir a vida plena, vencendo a morte, então até esse desejo seria humanamente compreensível.

12 Só que, de facto, não é assim. Se Deus proíbe que nos apoderemos desse conhecimento absoluto que só Ele possui, é unicamente para nosso bem: *porque, no dia em que dele comeres, certamente morrerás* — avisa-nos Ele.¹⁴ É que, sem Deus, pretendendo nós ocupar o seu lugar, nada mais nos resta senão aquilo que mais detestamos e combatemos:

A MORTE

Sim, com o pecado, “*a morte faz a sua entrada na história da humanidade*”.¹⁵ Neste caso, a morte é de entender não apenas no sentido mais habitual de interrupção definitiva da vida, mas como ruptura com as fontes da nossa existência: com o Criador, a criação, os outros seres humanos e connosco próprios. Uma ruptura que, não raramente, conduz à morte como fim definitivo da vida. Vejamos como isso é expresso em **Gn 3, 7-19**.

Da ruptura com Deus resulta, antes de mais, a desarmonia do ser humano consigo próprio: o que o homem e a mulher afinal descobriram com o seu pecado, foi que *estavam nus*,¹⁶ isto é, cada qual ficou reduzido a si próprio, à sua fraqueza e miséria de criatura frágil, terrena, mortal. E quem é que, principalmente se é culpado, não se envergonha e procura encobrir a essa sua nudez?

11. Citado em *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 1850.

12. Cf. Mt 22, 39; Mc 12, 3; Lc 20, 27, citando Lev 19, 18.

13. Gen 3, 5.

14. Gen 2, 17.

15. *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 400, com base em Rom 5, 12.

16. Gen 3, 7.

É por causa deste isolamento que tantos caem em depressões, tão frequentes nos dias de hoje, ou recorrem a expedientes mortíferos, como o álcool, a droga ou outros estupefacientes que podem levar ao suicídio, procurado ou permitido. Uma dependência e alienação de que é tão difícil libertar-se! Bem se podem aplicar a situações como estas as palavras colocadas por São Paulo na boca do pecador: *Não é o que eu quero que pratico, mas o que eu odeio é que faço*.¹⁷

A ruptura com os outros começa pelos laços familiares mais íntimos entre marido e esposa e vai desde a culpabilização do outro pelo mal praticado até à transformação do amor e da paixão em avidez opressora e tirania destruidora.¹⁸ Um inferno para os próprios, que tanto sonharam ser felizes, e sobretudo para os filhos: pelo que sofrem e pelo que aprendem a fazer. Quantas vezes Caim procura, ainda hoje, eliminar Abel seu irmão!¹⁹

Mas o fenómeno da violência estende-se para além do âmbito familiar. Segundo **Gen 6, 5**, Deus viu *que a maldade dos homens era grande em toda a terra, que todos os seus pensamentos e desejos tendiam sempre e unicamente para o mal*. E não será que Deus continua hoje a ver o mesmo? Quantas pessoas morrem, um pouco por toda a parte, vítimas da desconfiança, do ódio e da guerra, do desprezo, do egoísmo e da incúria dos outros! E quantas outras, pelas mesmas razões, são atiradas para uma vida sem sentido nem sabor! O resultado é o dilúvio, por culpa do homem.

Mas o dilúvio bíblico pode remeter-nos também para a ruptura do homem com a criação. A terra, criada por Deus como um jardim, para o homem *cultivar e guardar*, essa terra tornou-se *maldita* por causa do seu pecado.²⁰ E de facto há, hoje mais do que nunca, desastres ambientais que, nas suas dimensões demolidoras, se devem ao desprezo e à negligência, à maldade e ao egoísmo de alguns. Basta ver o que, entre nós, tem sucedido com os fogos florestais nos últimos anos.

Portanto, não há dúvida: se a morte se instalou entre nós, em muitíssimos casos isso deve-se, directa ou indirectamente, ao pecado, se não pessoal, pelo menos social ou estrutural. Neste caso, é aquilo a

que São João chama o *pecado do mundo*,²¹ uma expressão que “significa também a influência negativa que as situações comunitárias e as estruturas sociais, que são fruto dos pecados dos homens, exercem sobre as pessoas,” levando-as mais facilmente a pecar... e a morrer.²² O pecado leva sempre à morte, de quem o comete e de outros.

VIVER PARA MORRER?

13 Mas nem sempre a morte se deve, directa ou indirectamente, ao pecado. Os justos, que pautam a sua conduta de vida por uma consciência bem formada e, consequentemente, pela vontade de Deus, também eles morrem. Embora, em muitos casos, sejam vítimas da maldade dos outros, isso está longe de ser a regra.

Ou seja, a morte há-de atingir-nos a todos, maus e bons. É o que temos de mais certo na vida, diz-se com frequência e com razão.

Quer isto então dizer que a morte é natural? De modo algum. Mesmo um pensador cristão como Santo Ambrósio afirma que a morte, pelo menos antes de o homem pecar, “não fazia parte da natureza humana.”²³

E assim como Deus não cria o homem para que ele peque, também o não faz para que morra. E a maioria das pessoas, de facto, sentem uma aversão semelhante pela morte e pelo pecado, proibido sobretudo pela sua consciência moral.

Não, não é a morte que faz parte da natureza humana, mas precisamente o contrário: não querer morrer e tudo fazer para que, tendo de acontecer, não seja o fim, isso é que é humano. Vimo-lo sobejamente atrás. E o próprio Jesus confirma o que cada um de nós sente: também Ele não queria morrer. No Jardim das Oliveiras, e perante a morte iminente, *começou a sentir pavor e a angustiar-se e suplicou veementemente ao Pai que o livrasse desse cálice amargo*.²⁴ Também nisto Ele mostrou como *era em tudo igual a nós, excepto no pecado*.²⁵

Mais: se virmos bem, a nossa vida consiste na luta contra a morte. Uma luta que dura uma existência inteira e na qual empe-

17. Rom 7, 15.19.20.
18. Cf. Gen 3, 11–13.16.
19. Cf. Gen 4, 3–15.
20. Gen 2, 15; 3, 17.

21. Jo 1, 29.
22. Catecismo da Igreja Católica, n.º 400.
23. Citado pelo Papa Bento XVI em *Spe Salvi*, n.º 10.
24. Mc 14, 33.36.
25. Heb 4, 15.

nhamos tudo o que temos e somos. Por isso é que muitos dos que deixam de lutar, até acabam por morrer mais depressa.

Mas, se eu sei que a morte é o que tenho de mais certo, valerá então a pena lutar contra ela? Que sentido poderá ter empenhar-me tanto por uma causa que, à partida, já está condenada? Para quê lutar por uma vida que vai deixar de o ser? Não será simplesmente absurda uma vida assim?

14 Perante questões como estas, a que nenhum de nós, consciente ou inconscientemente, pode fugir, têm sido diversas as reacções e as respostas.

A mais radical e, pelo menos aparentemente, a mais lógica, seria o suicídio. Valerá a pena estar a adiar por mais tempo o que é inevitável? É, provavelmente, o que pensam, por exemplo, pessoas a braços com doenças incuráveis e dolorosas ou noutras situações em que perderam todo o gosto pela vida.

Outros — e é hoje a reacção talvez mais comum — optam apenas por gozar a vida, por “curti-la”, enquanto ela durar e o permitir. E fazem-no por vezes — sobretudo se são insuficientes os meios para gozá-la — à custa da vida dos outros e, mais cedo ou mais tarde, da própria vida. Por isso, deve ser um amargo e triste gozo. Se mais não for, porque há-de acabar, o mais tardar com a morte. E depois? Na prática, é uma outra forma de suicídio, só que mais lento. Mas o resultado final é o mesmo.

Uma análise antropológica permite-nos verificar, ao longo dos séculos, que a maior parte das pessoas, na luta pela vida, se refugia numa entidade divina. O que mais se procura em todas as religiões é uma vida que nunca deixe de o ser, já neste mundo e para além da morte.

Mas que Deus me pode garantir uma vida assim? Já algum o fez realmente? Já algum Deus libertou o corpo humano da sua corrupção, após a morte?

VIVER NO CORPO

15 O corpo, neste caso, não é simplesmente o conjunto de ossos, músculos, nervos, órgãos e membros. Não, o corpo é muito mais do que a matéria que se decompõe na terra ou será reduzida a cinzas. O meu corpo é parte constitutiva da minha pessoa. É com ele que me exprimo, comunico e relaciono com o mundo à minha volta, com a natureza, com os outros, com Deus. É com o corpo, pelos olhos ou os ouvidos, que, neste momento, estou a apreender o que leio ou escuto.

E porque sem esta inter-relação — sem a comunicação com Deus, o mundo e os outros — não posso viver, é inimaginável uma vida sem corpo. Repare-se no cuidado com que cada um de nós o trata. Ou na tristeza que sentem os familiares e amigos de um defunto cujo cadáver desapareceu nas águas do mar. Ou ainda no bem que me faz uma carícia que faço ou recebo.

É por causa desta concepção do corpo humano que a tradição bíblica mais antiga vê o absurdo da morte sobretudo na corrupção corporal. E, conseqüentemente, segundo a mesma tradição, não há triunfo completo sobre a morte, sem que o corpo dele participe.

VIVER PARA ALÉM DA MORTE?

16 Vejamos como esta convicção se exprime no **Salmo 15/16**:

¹Defendei-me, Senhor: Vós sois o meu refúgio.

²Digo ao Senhor: «Vós sois o meu Deus, sois o meu único bem».

³Para os santos da terra, admiráveis em seu poder,
vai todo o meu afecto.

⁴Os que seguem deuses estranhos
redobrem as suas penas.

Não serei eu a fazer-lhes libações de sangue
nem a invocar seus nomes com meus lábios.

⁵Senhor, porção da minha herança e do meu cálice,
está nas vossas mãos o meu destino.

⁶Couberam-me em partilha terras aprazíveis:
muito me agrada a minha sorte.

⁷Bendito seja o Senhor por me ter aconselhado,
até de noite me inspira interiormente.

⁸O Senhor está sempre na minha presença,
com Ele a meu lado não vacilarei.

⁹Por isso o meu coração se alegra e a minha alma exulta
e até o meu corpo descansa tranquilo.

¹⁰Vós não abandonareis a minha alma na mansão dos mortos,
nem deixareis o vosso fiel sofrer a corrupção.

¹¹Dar-me-eis a conhecer os caminhos da vida,
alegria plena em vossa presença,
delícias eternas à vossa direita.

Esta oração é colocada na boca de quem teme o enigma da morte e, contra isso, se apoia em Deus, Senhor da vida e, como tal, o seu *refúgio e único bem* (vv. 1-2).

Quem assim faz, está em comunhão com os outros santos da terra, isto é, com os crentes que vivem de Deus e para Deus (v. 3) e se distanciam de quem quer que preste homenagem a falsos deuses, oferecendo-lhes até *libações de sangue* de animais ou de pessoas (v. 4).

Ainda hoje há quem sacrifique vidas por ídolos mortos e mortíferos, ignorando ou esquecendo que é o Senhor a fonte última de todos os bens, herdados ou obtidos por esforço próprio (vv. 5-6).

A Ele devemos ainda a orientação e a protecção necessárias para uma vida feliz (vv. 7-8). E, nessa medida, podemos esperar d'Ele a vitória definitiva sobre a morte, num gozo sem fim (vv. 9-11).

É bem possível que, mesmo depois de rezarmos (talvez repetidamente) este Salmo de prece, confiança e louvor ao Senhor, ainda nos fique a dúvida: como posso eu ter a certeza de que Deus me não abandonará na mansão dos mortos nem deixará que o meu corpo sofra a corrupção? Será que Ele já o fez com alguém?



·[SEGUNDA PARTE]·

AO ENCONTRO DE CRISTO

17 Repare-se que não está escrito “ao encontro com”, mas “de Cristo”. Como veremos, é Ele quem toma a iniciativa. Ou melhor, é Deus, que n’Ele e por Ele, o seu *Filho Unigénito* (Jo 1, 18), Se nos dá a conhecer como nunca até então havia feito, nomeadamente com esta maravilhosa notícia, tão desejada quanto inesperada:

“RESSUCITOU, NÃO ESTÁ AQUI”

18 A notícia aparece em várias páginas do Novo Testamento. É mesmo dela que nasce e se forma a segunda parte da Bíblia. Varia apenas o modo como é expressa.

A versão em título encontra-se no primeiro dos quatro Evangelhos a ser escrito, em **Mc 16, 1-8**, e exactamente no centro do relato; mais um sinal da sua importância.

Para disso nos apercebermos, acompanhemos as três mulheres a quem a Boa-Nova é transmitida pela primeira vez. São elas *Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago, e Salomé* (v. 1). Juntamente com outras mulheres, e contrariamente a todos os restantes discípulos de Jesus (incluindo Pedro), mantiveram-se junto d’Ele até à Sua morte e sepultura.

E com a mesma persistência, regressam agora — ao amanhecer do *primeiro dia da semana* (v. 2) — ao sepulcro, para ungir o corpo de Jesus com óleo perfumado. Era um gesto de respeito e homenagem aos defuntos, usual entre os judeus. Portanto, é um simples cadáver que as mulheres esperam encontrar.

Apenas bem perto do sepulcro se lembram de que tinha sido fechado com uma pedra que nem as três juntas conseguiriam arrear (v. 3); este é um pormenor narrativo que espreita ainda mais a nossa curiosidade e acentua a surpresa que se segue, das mulheres e nossa: *A pedra tinha sido rolada para o lado; e era muito grande* (v. 4). Quem teria sido capaz de a mover?

A resposta surge já dentro do sepulcro: primeiramente, *as mulheres viram um jovem sentado à direita, vestido com uma túnica branca* (v. 5), isto é, a cor celeste. O que tinha sucedido devia-se exclusivamente a Deus. Daí que elas ficassem em estado de choque, a reacção humana habitual perante manifestações divinas.

E é o mesmo Deus quem, através do Anjo, agora lhes anuncia: *Procurais a Jesus de Nazaré, o Crucificado? Ressuscitou; não está aqui* (v. 6). À letra, deveria traduzir-se: *foi ressuscitado*. Só Deus, o Criador e Senhor da vida, podia ter levado Jesus a vencer a morte.

O acontecimento é de tal modo surpreendente e inesperado que as mulheres, *a tremar e fora de si*, nem sequer são capazes de cumprir o que o Anjo lhes pede: transmitir a Boa-Nova aos restantes discípulos, a começar por Pedro (vv. 7-8).

Mas a notícia é espantosa, também por ser a mais desejada. Com Jesus de Nazaré aconteceu finalmente aquilo por que cada um de nós mais suspira e luta, e naquela dimensão descrita na primeira parte: o que todos nós realmente queremos é vencer a morte, mas em todas as suas componentes e manifestações. Vejamos como isso se realizou com a ressurreição de Jesus.

“DEUS GLORIFICOU O SEU SERVO JESUS”

19 Para exprimir a ressurreição de Jesus, os autores do Novo Testamento usam dois verbos gregos que, embora habitualmente apareçam traduzidos do mesmo modo, são diferentes no significado original: um significa “acordar” (*egyérein*), o outro “levantar” (*anístemai*).

Com o primeiro indica-se a continuidade da vida de Jesus antes e depois da Sua ressurreição. O ressuscitado é o mesmo que havia sido morto.

Com o segundo verbo indica-se a vida nova, adquirida pela ressurreição: Jesus foi, com a Sua humanidade, definitivamente “erguido” para aquela vida que só Deus tem em plenitude. Não voltou apenas à vida que tivera antes de morrer, como tinha sucedido com Lázaro, a filha de Jairo e o filho da viúva de Naim, que Ele havia reconduzido à vida, mas a uma vida que terminaria de novo com a morte.

Com Jesus não foi assim. A Ele, *Deus ressuscitou-O dos mortos para não mais voltar à corrupção*, diz-nos São Paulo em Act 13, 34, numa alusão ao Salmo 15/16, 10 que rezámos atrás. A Ele, Deus concedeu finalmente o que aí Lhe pedíamos como desejo e esperança de seres humanos que somos.

Foi Jesus o primeiro a alcançar essa vida nova, definitivamente liberta das terríveis limitações da morte e do pecado, aquela vida plena, que só o Deus de Jesus Cristo manifestou ter e poder dar, ao ressuscitá-l’O de entre os mortos.

E perante acontecimento tão maravilhoso e desejado, por que esperamos ainda? Porque não nos confiamos, também nós, totalmente a Ele, como têm feito inumeráveis pessoas ao longo da história já milenária do movimento que a partir de então se gerou e cresceu?

São pessoas que, por experiência própria, têm toda a razão para afirmar, como São Pedro, acerca de Jesus ressuscitado: *Não há salvação em nenhum outro, pois não há debaixo do céu qualquer outro nome, dado aos homens, que nos possa salvar*.²⁶ Que nome é esse? E que significa ele para nós hoje?

26. Act 4, 12.

20 Jesus não foi apenas o primeiro a ressuscitar de entre os mortos. No mesmo acontecimento, Ele foi constituído por Deus fonte única de salvação eterna. É já isso que São Pedro quer dizer, ao exprimir a ressurreição de Jesus com as palavras citadas em título: *Deus glorificou o Seu servo Jesus*,²⁷ isto é, fê-l'O definitivamente participante da glória e do poder que, em grau infinito, só Deus tem.

O mesmo é dito com outras expressões, baseadas no Antigo Testamento, como por exemplo: Deus *exaltou* Jesus, *sentou-O à direita do Seu trono* ou ainda *constituíu-O* Senhor. Neste último caso, Senhor é um título que no Antigo Testamento grego (tradução dos LXX) corresponde a IAHVEH, o nome próprio de Deus. Quem, portanto, chama Senhor a Jesus, está a reconhecer n'Ele uma condição divina, a igualdade com Deus.

Mas a total certeza só com a Sua ressurreição se obteve definitivamente: não apenas por Deus O ter levado a triunfar sobre a morte, o primeiro triunfo na história humana, mas ainda e sobretudo porque, desde então, se sentiu que d'Ele, o Ressuscitado, provém a força, a luz, a vida, próprias de Deus. No dizer de São Paulo, foi então que Ele foi *constituído Filho de Deus em poder*, o poder divino.²⁸ Jesus já manifestara esse poder durante a vida anterior à Sua morte. Mas, a partir da ressurreição, tornou-se infinitamente mais intenso e universal.

Por isso, o mesmo São Paulo diz a cada um de nós: *Se confessares com a boca: «Jesus é o Senhor», e acreditares no teu coração que Deus O ressuscitou de entre os mortos, serás salvo*.²⁹ A boca exprime o que vai no coração. E sendo o coração o centro vital, o que nele se acredita, implica uma entrega total da vida Àquele em quem se acredita.

Porque não o fazemos então, se isso nos garante a salvação tão entranhadamente desejada? Ou, no caso de já n'Ele acreditarmos, porque não intensificar a nossa entrega?

É possível que as dúvidas ou hesitações que ainda sintamos se prendam com questões como estas: Como posso eu ter a certeza de que Jesus ressuscitou? E se isso é realmente verdade, que caminho seguiu Ele para vencer a morte?

Como a resposta à primeira questão depende muito da segunda, comecemos por esta: Jesus triunfou para sempre sobre a morte, porque:

“MORREU PELOS NOSSOS PECADOS”

21 Esta afirmação faz parte de uma confissão de fé cristã que, provavelmente, remonta aos primeiros anos depois da morte e ressurreição de Cristo e assim é transmitida por São Paulo em **1 Cor 15, 3-4**: *Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e foi sepultado; e foi ressuscitado ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e apareceu a Cefas e depois aos Doze*.

O modo paralelo como a morte e a ressurreição são descritas já dá a entender que uma depende da outra, como duas partes do mesmo acontecimento: Cristo não teria ressuscitado, se não tivesse morrido *pelos nossos pecados* e sido *sepultado* (a sepultura como confirmação definitiva da morte); e vice-versa: é pelas aparições do Ressuscitado que Cefas (versão aramaica de Pedro) e os restantes Apóstolos descobrem que Ele *morreu pelos nossos pecados*.

O mesmo é proclamado no centro de Fil 2, 6-11, um hino a Cristo que ainda hoje rezamos: Porque Ele *Se humilhou ainda mais, obedecendo até à morte e morte de cruz, por isso Deus O exaltou e Lhe deu o nome que está acima de todos os nomes* (vv. 8-9). Aqui, falta apenas uma referência explícita aos nossos pecados como causa da morte. Mas é pressuposta: se pelo pecado se desobedece a Deus, a obediência de Jesus até à morte tem a ver com os nossos pecados. Vejamos os dois significados que isso tem.

22 Negativamente, significa que a morte de Jesus se deveu ao pecado. Repare-se na “violência e multiplicidade” com que ele se manifesta na paixão de Jesus: “incredulidade, ódio assassino, rejeição e escárnio por parte dos chefes do povo, cobardia de Pilatos e cruel-

27. Act 3, 13.
28. Rom 1, 4.
29. Rom 10, 9.

dade dos soldados, traição de Judas tão dura para Jesus, negação de Pedro e abandono dos discípulos.”³⁰

Por se tratar do Filho de Deus, este pecado foi mesmo “o maior mal moral jamais praticado”, no qual se concentraram os “pecados de todos os homens.”³¹ Nunca a humanidade desobedeceu tanto a Deus, como na rejeição e assassinio do Seu Filho querido.

E para isso contribuíram até os pecados cometidos posteriormente. Aliás, estes muito mais, sobretudo se cometidos por quem já sabe que Jesus ressuscitado é o Senhor, uma condição divina que as pessoas directamente envolvidas na Sua morte ainda desconheciam. Caso contrário, *não teriam crucificado o Senhor da Glória.*³² Por isso nos diz São Francisco de Assis: “Não foram os demónios que O pregaram na cruz, mas tu com eles O crucificaste e ainda O crucificas quando te deleitas nos vícios e pecados.”³³

23 Mas a afirmação de que Cristo morreu pelos nossos pecados tem também um significado positivo: foi para nos libertar do pecado que Ele morreu ou, dito positivamente, Se ofereceu totalmente a Deus por nós. E foi dessa oferta que Deus “tirou o maior dos bens: a glorificação de Cristo e a nossa redenção.”³⁴

Começemos pelo primeiro efeito: Jesus redimiu-nos do pecado, porque, conforme escreve São João:³⁵

“DEU A SUA VIDA POR NÓS”

Ao pecarmos, separamo-nos de Deus, a fonte da verdadeira vida. Por isso, a morte é vista como consequência do pecado, a mais terrível e inevitável. Daí que, segundo a tradição bíblica mais antiga, quem peca tenha mesmo de morrer: tenha de entregar ao Criador a vida que d’Ele recebeu e da qual se mostra indigno, por a não usar de acordo com a Sua vontade e o bem que Ele quer para a humanidade. Sacrifica-a em expiação pelos pecados.

Mas como Deus, na Sua misericórdia, não quer a morte do pecador mas que se converta e viva, só por isso Ele permitiu que o pecador, em vez da sua vida, sacrificasse um outro ser vivo: geralmente um animal que lhe pertencia, fazia parte da sua vida, e que, ao ser imolado, servia de sinal, da parte do oferente, da sua conversão a Deus.

Embora pareça estranha, a verdade é que esta prática expiatória ainda hoje existe, só que de forma um pouco diferente. Que acontece, por exemplo, quando alguém comete um crime? Como reage a sociedade para se defender do criminoso e preservar a ordem e a paz, essenciais para a vida comunitária? No mínimo, isola o culpado, se não dentro de uma cadeia, pelo menos distanciando-se dele, votando-o a uma solidão que, tantas vezes, é pior do que a morte e pode mesmo conduzir à perda definitiva da vida. Na prática, o criminoso está assim a expiar o mal de que é culpado.

Mas será essa expiação suficiente para a sua conversão e reabilitação? Há quem o consiga. Só que, geralmente, é por receio de um novo castigo. Uma mudança interior, radical, do egoísmo para o amor autêntico aos outros é muito difícil, a não ser pela via do amor. Só o amor é capaz de transformar as pessoas a partir de dentro.

Agora imagine-se que esse amor para com aquele que praticou o mal, nasce da vítima do mal praticado, uma vítima que, além de inocente, perdoa deste modo sublime a quem o ofendeu e prejudicou. Mais: perdoa-lhe, dando por ele a vida, no próprio acto em que a vida lhe é tirada, e sem outra intenção que não seja a do bem que lhe quer e o desejo de que ele se converta ao mesmo amor com que é amado, para não voltar a ceder ao mal que antes cometera e tenha de pagar por isso... Não, isto não é uma miragem.

Foi assim que Jesus nos amou. O que os quatro Evangelhos nos contam em pormenor sobre a Sua paixão e morte, é assim resumido por São Pedro: *Ele não cometeu pecado, nem na Sua boca se encontrou engano; ao ser insultado, não respondia com insultos; ao ser maltratado, não ameaçava, mas entregava-Se Àquele que julga com justiça; subindo ao madeiro, Ele levou os nossos pecados no Seu corpo, para que, mortos para o pecado, vivamos para a justiça: pelas Suas chagas fostes curados.*³⁶

30. *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 185.

31. *Ibidem*, n.º 312.

32. 1 Cor 2, 8.

33. Citado em *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 1851.

34. *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 312.

35. 1 Jo 3, 16.

36. 1 Ped 2, 22-24.

24 Esta cura, referida por São Pedro, e a consequente reconciliação com Deus, essencial para vivermos na justiça, isto é, de um modo ajustado à Sua vontade e ao bem dos outros e de nós próprios, tudo isto só se tornou possível após a ressurreição d'Aquele que por nós deu a vida. É nesse sentido que São Paulo nos diz que Ele, Jesus Cristo:³⁷

“RESSUSCITOU PARA A NOSSA JUSTIFICAÇÃO”

Para percebermos como a ressurreição de Jesus radica na Sua paixão e morte, vejamos como o Evangelho segundo São João as descreve, a começar pelo momento em que Judas se afasta da sala da última ceia. Mal ele sai, Jesus exclama: *Agora foi glorificado o Filho do homem e Deus foi glorificado n'Ele. Se Deus foi glorificado n'Ele, também Deus O glorificará em Si mesmo e glorificá-l'O-á sem demora.*³⁸ Isto é, a traição de Judas já entra no processo de glorificação de Jesus que terá o seu auge na cruz e na ressurreição e no qual, além de Jesus, está envolvido o próprio Deus. Como se explica isto?

São João dá-nos uma primeira pista, ao dizer que *era noite*, quando Judas saiu.³⁹ Noite, em sentido figurado: a noite do pecado e do mal, da traição e da morte, a contrastar com a luz da graça e do bem, do perdão e da vida. E quanto mais densas são as trevas, maior é o brilho da luz que nelas surge e com elas contrasta. As trevas fazem com que a luz seja mais luz.

É como noutras áreas da nossa vida. Até se diz que as pessoas são para as ocasiões, isto é, podem tornar-se mais pessoas nas situações em que a isso são desafiadas. Assim, as dificuldades tornam-se oportunidades para exprimir o que verdadeiramente as pessoas são no seu íntimo. Por exemplo, o amor do pai ou da mãe pelos filhos (que fazem de um homem, o pai, e de uma mulher, a mãe) aumenta quando esses mesmos filhos enfrentam necessidades e exigem mais dedicação. Também por vezes os conflitos entre marido e esposa podem levar a um amor mais autêntico, depois de provado pelo sofrimento e o perdão.

Há, pois, males que vêm por bem — não que o mal deixe de ser mal, mas no sentido de que possa constituir uma oportunidade para um bem maior; sobretudo se Deus entra em jogo, com o poder infinito do Seu amor.

25 Deus mostra esse amor de um modo único na paixão e morte de Seu Filho Jesus Cristo, no sofrimento terrível em que ambos participaram e que Os uniu entre Si e a nós, na maior manifestação do Seu amor.

Que o Filho ama o Pai, vê-se particularmente nas orações que Ele, segundo os Evangelhos Sinópticos, profere em dois dos momentos mais significativos da Sua paixão. A primeira no Jardim das Oliveiras: após suplicar ao Pai que afaste d'Ele o amargo cálice que O espera, acrescenta: *Contudo, não se faça o que Eu quero, mas o que Tu queres.*⁴⁰ É impressionante a coragem que esta sintonia com a vontade do Pai gera em Jesus.

A segunda oração, di-la imediatamente antes de expirar: *Meu Deus, Meu Deus, porque Me abandonaste?*⁴¹ Desprezado por todos — os discípulos, a multidão, as autoridades civis e religiosas, — Jesus até por Deus, a fonte da Sua vida, se sente abandonado. Mas é isso mesmo que Ele diz a Deus. E, ao rezar assim, abandona-Se totalmente Àquele que parecia tê-l'O abandonado. Oração mais autêntica não existe. Até porque as palavras que Jesus reza são do Salmo 21/22, 2, cujo autor é o próprio Deus, como o é de todas as palavras bíblicas. Ou seja, é Deus quem coloca no coração e nos lábios de Jesus o que Este tem para Lhe dizer.

A esta dupla entrega (no Jardim das Oliveiras e na cruz), responde o Pai com amor idêntico. Mostra-o na ressurreição, que é assim a prova de que Ele afinal já estava com Jesus, desde o princípio ao fim da sua paixão e morte, numa total comunhão de amor. E isso quer dizer que, com Jesus, também o Pai sofria — *Ele que nem sequer poupou o Seu próprio Filho, mas O entregou por todos nós.*⁴²

E se foi por nós que O entregou, é porque ambos nos amam com o amor que Os une — um amor tão poderoso que, pela ressurreição, não só venceu para sempre o pecado e a morte, mas adquiriu a pos-

37. Em Rom 4, 25.
38. Jo 13, 31-32.
39. Jo 13, 30.

40. Mc 14, 36.
41. Mc 15, 34.
42. Rom 8, 32.

sibilidade de chegar até nós. Escreve o Papa Bento XVI que Cristo, pela Sua glorificação, “saiu para a vastidão de Deus e é a partir dela que Ele se manifesta aos seus”⁴³ — os de então e os de hoje. Vejamos como isso sucede.

“NÓS SOMOS TESTEMUNHAS DESTAS COISAS”

26 Estas palavras em título foram ditas por São Pedro em Jerusalém, imediatamente após anunciar, relativamente à ressurreição de Jesus, que *foi a Ele que Deus elevou, com a Sua direita, como Chefe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados*.⁴⁴

Este anúncio, que se repete em muitas outras páginas do Novo Testamento, é imprescindível. Sem ele, nada saberíamos da ressurreição de Cristo. De facto, este acontecimento processou-se apenas entre Deus e o Seu Filho, naquele segredo divino a que os meios de investigação das ciências humanas não têm acesso. Daí que o facto em si da ressurreição de Jesus nunca seja descrito no Novo Testamento, mas apenas anunciado.

No entanto, deixou sinais bem palpáveis no tempo e no espaço em que nos movemos. Um deles foi o sepulcro vazio. Só que este era susceptível de outras explicações, como a do roubo do cadáver, como aliás ainda hoje alguns pretendem defender.

Resta-nos o testemunho daqueles homens e mulheres a quem o Ressuscitado apareceu. E basta-nos isso. Porque foi nessas pessoas que Ele, ao aparecer-lhes, deixou as marcas mais significativas da Sua ressurreição, transformando radicalmente as suas vidas. Antes, eram uns tímidos, frustrados e terrivelmente abatidos pelo desaire da crucifixão e morte. E, de repente, são invadidos por uma alegria e uma coragem, muitas vezes sobre-humanas.

É o caso de São Pedro, na situação em que se encontra quando proclama o anúncio da Ressurreição citado: está preso e é ameaçado pelas autoridades judaicas, em parte as mesmas que haviam

assassinado Jesus. Nada disso o atemoriza. E atribui a sua atitude e o anúncio que faz, mesmo ali “na boca do lobo”, ao facto de ser testemunha do que anuncia, ele e, acrescenta, *o Espírito Santo que Deus tem concedido àqueles que Lhe obedecem*.⁴⁵

Trata-se do mesmo Espírito, da mesma energia divina com que Deus, no dizer de São Paulo, *ressuscitou Jesus de entre os mortos*.⁴⁶ É este Espírito que o Ressuscitado transmite àqueles aos quais Se dá a ver, para os transformar e, neles e por eles, passar a actuar.

O mesmo Espírito é depois concedido aos que, sucessivamente, acolhem o seu testemunho, se convertem e se integram na Igreja. Hoje é, acima de tudo, na Igreja que Cristo vem também ao nosso encontro, para nos comunicar a mesma vida, aquela vida que cada um de nós tanto deseja. E, como veremos a seguir, Ele oferece-a de modos semelhantes aos que usou, quando Se revelou às testemunhas oculares: chamando-nos pelo nome (no Baptismo e Crisma) e dando-Se a nós como alimento (na Eucaristia).

“MARIA!”

27 Neste caso, não é a Mãe de Jesus, mas Maria Madalena, uma das mulheres que foram ao sepulcro na manhã do terceiro dia após a sepultura de Jesus. Segundo o Evangelho de São João, fê-lo por duas vezes.

Na primeira (Jo 20, 1-10), deparando-se com o sepulcro aberto, limita-se a ir avisar São Pedro e o *discípulo que Jesus amava*.⁴⁷ Eles partem, entram no sepulcro, mas de Jesus nada vêem, senão as vestes com que havia sido sepultado.

Por isso Maria, de novo junto do sepulcro (**Jo 20, 11-18**), chora: Porque — diz ela aos dois Anjos que lá encontra e lhe perguntam pelo motivo — *levaram o meu Senhor e não sei onde O puseram*. Aproxima-se entretanto o próprio Jesus, que também a interroga, mas ela confunde-O com o jardineiro. Só O reconhece, quando Ele a chama pelo nome: *Maria!* Porquê só então?

43. Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, Parte II: *Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, Tradução e edição portuguesa da Princípi 2011, pág. 200.

44. Act 5, 31.

45. Act 5, 32.

46. Rom 8, 11.

47. Jo 20, 2.

É que o nome é determinante na existência de uma pessoa. Quando uma criança nasce, um dos primeiros deveres dos responsáveis por ela é darem-lhe o nome que passe a identificá-la. A partir de então, ao seu nome facilmente se associa tudo o que dela se sabe e faz parte da sua vida. Neste sentido, é pelo nome que ela passa a existir, pelo menos para os outros.

Mas não só: também a criança, logo que toma consciência do seu nome, gosta de ser tratada e reconhecida por ele. E quanto mais reconhecida se sente, mais se desenvolve. E muito mais, se o nome é proferido por alguém que lhe diz muito, a ama — alguém que deste modo, isto é, pelo relacionamento iniciado ou reforçado pelo nome, se vai tornando parte da sua vida. Não será também por isso que o sobrenome dos pais passa para os filhos?

É este género de relacionamento que Jesus ressuscitado restabelece e intensifica com Maria Madalena, ao tratá-la pelo nome. E ela reconhece-O finalmente, porque Ele, chamando-a pelo nome, lhe mostra e comunica aquilo que O identifica: o Seu amor — mas agora um amor diferente do que era antes, em intensidade e eficácia, o amor de quem dera a vida também por ela.

Maria ainda responde a Jesus com um título proveniente do tempo antes da Sua morte: o aramaico «*Rabuni*»! Que — traduz São João — quer dizer «*Mestre*». Mas Jesus diz-lhe: *Não Me detenhas, porque ainda não subi para o Pai. Vai ter com os Meus irmãos e diz-lhes que vou subir para o Meu e vosso Pai, para o Meu e vosso Deus.* Que quer isto dizer?

Quer dizer que “o anterior relacionamento com o Jesus terreno deixou de ser possível... Agora já só é possível tocar Jesus «junto do Pai». Pode-se tocá-l’O unicamente subindo. A partir do Pai, na comunhão com o Pai, Ele é-nos acessível e próximo de uma maneira nova.”⁴⁸

Trata-se da comunhão daquele amor entre Ambos que se manifestou sobretudo na morte e ressurreição. É com esse amor que o Ressuscitado agora se comunica a Maria — chamando-a pelo nome. E ela, transformada por esse amor, não pode deixar de o anunciar, a

começar pelos restantes discípulos, aos quais Jesus chama irmãos, por serem amados pelo mesmo Pai.

E se Ele, já ressuscitado, diz a Maria que ainda vai subir para o Pai, é porque a Sua glorificação não atinge o seu fim enquanto esse amor não for comunicado a todos os homens e mulheres. Por todos Ele deu a vida.

28 Um das pessoas que mais se entregou a esta expansão universal do amor de Cristo foi São Paulo, a última testemunha ocular do Ressuscitado. E também ele, segundo **Act 9, 1-22**, começou por ser chamado pelo nome.

“SAUL, SAUL, PORQUE ME PERSEGUES?”

Trata-se do nome hebraico. Os seus pais, talvez por ele ter nascido fora da Palestina (em Tarso, na actual Turquia), deram-lhe dois nomes: Saul (ou Saulo, na versão grega) e Paulo. O primeiro para o identificar como judeu, o segundo como cidadão romano.

Jesus escolhe o nome hebraico, porque era por ser judeu que Saulo O perseguia: por ser, como escreve mais tarde, *extremamente zeloso das tradições de meus pais*.⁴⁹ Quer isto dizer que o amor com que Jesus o trata é muito maior do que o amor manifestado a Maria Madalena e aos outros discípulos. Amar um inimigo exige muito mais do que amar alguém que apenas está abatido por perder a pessoa querida.

E Saulo experimenta esse amor da parte de Jesus no exacto momento em que mais extravasa o seu ódio contra Ele: a caminho de Damasco, a perseguir os cristãos. É então que Jesus o chama pelo nome e lhe pergunta: *Porque Me persegues?* Isto é, porque tentas eliminar Alguém que te ama mais do que ninguém?! Alguém que, ao dar a vida por todos, a deu também por ti, com um amor que só Deus tem, o amor com que Ele Me ressuscitou de entre os mortos!

48. Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, Parte II, pág. 231.

49. Gal 2, 14.

Se é assim que te amo, tanto que venho ao teu encontro, *porque Me persegues?*

Foi tão forte esta revelação, que Saulo ficou três dias sem ver, sem comer nem beber, até ao momento em que recebeu o Baptismo.⁵⁰ Anos mais tarde, ele próprio descreve assim a mudança que nele então se operou: *Tudo quanto para mim era ganho, isso mesmo considereei perda (...), por causa do maravilhoso conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor.*⁵¹

Neste conhecimento a iniciativa é de Cristo. Foi Ele, na sua condição divina de Senhor, quem primeiro Se deu a conhecer a Paulo, para Se tornar a sua única razão de viver. *Uma nova criação* — diz ele acerca desta transformação. Mas di-lo, não apenas de si próprio, mas de quem quer que *está em Cristo*.⁵²

29 Di-lo, portanto, também de nós hoje, de mim. Também eu fui (ou posso vir a ser) chamado por Cristo, a começar por aquele acontecimento que deu um rumo novo à minha vida e no qual Ele, após pronunciar o meu nome, me disse:

“EU TE BAPTIZO EM NOME DO PAI E DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO”

Quando estas palavras nos foram ditas, a grande maioria de nós era ainda demasiado novo para se aperceber do seu alcance significativo. Mas, mesmo para quem foi baptizado mais tarde, vale a pena reviver o que então se passou. A começar pelo nome, pelo qual sou chamado. Ao pronunciar-lo, Deus diz-me: *“Chamei-te pelo teu nome, tu és meu (Is 43, 1)”*. Isto é, “Deus conhece-me; Ele aceita-me como Seu e acolhe-me para sempre na minha inconfundível unicidade.”⁵³

E acolhe-me para me fazer participar da Sua vida. “Ser baptizado significa: a minha história de vida pessoal mergulha na corrente do amor de Deus”⁵⁴ — o amor que Ele manifestou sobretudo na morte e ressurreição do Seu Filho Jesus Cristo.

Por isso nos pergunta São Paulo: *Não sabeis que todos nós, que fomos baptizados em Cristo Jesus, fomos baptizados na Sua morte?* E acrescenta: *Pelo Baptismo fomos, pois, sepultados com Ele na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos para glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova.*⁵⁵ Isto é, pelo Baptismo Jesus actualiza em mim o Seu amor de crucificado e ressuscitado: associa-me à Sua morte, levando-me a morrer para o pecado, e à Sua ressurreição, para ter uma vida que há-de culminar na minha própria ressurreição.

E porque desde então Lhe pertenço, por isso passei a ser identificado por um nome que vem do Seu: cristão, isto é, de Cristo — o nome de que me orgulho, à maneira do que possivelmente sinto com o sobrenome dos meus pais que, pelo que deles recebi, fazem parte da minha vida.

30 Para ser ainda mais cristão, voltei a ser chamado, de novo na Sua Igreja, pelo meu nome pessoal. Desta vez, através do bispo que me crismou (ou há-de crismar): com a mão sobre a minha cabeça, ungiu-me com azeite perfumado e, ao mesmo tempo, após pronunciar o meu nome, disse-me: “Recebe por este sinal o Espírito Santo, o dom de Deus.”

O azeite, porque fortalece, (con)firma. O perfume, ao irradiar-se, atrai. Uma vez firmado pelo Espírito, a energia que Deus me comunica, estou em condições, como São Paulo, de *difundir por toda a parte o perfume do conhecimento de Jesus Cristo*, para atrair outros para Ele.⁵⁶

31 Um outro caminho, pelo qual Cristo Se encontra connosco, é-nos sugerido pelo Seu encontro com os discípulos que iam de Jerusalém a Emaús (**Lc 24, 13-35**). Começou por lhes explicar:

50. Act 9, 9.18.

51. Fil 3, 7-8.

52. 2 Cor 5, 17.

53. Youcat. Catecismo Jovem da Igreja Católica, n.º 201.

54. Ibidem, n.º 200.

55. Rom 6, 3-4.
56. 2 Cor, 2, 14.

“O QUE, EM TODAS AS ESCRITURAS, LHE DIZIA RESPEITO”

Foi o primeiro passo, para mudar o estado de ânimo em que os dois se encontravam. Tão frustrados e tristes estavam por Ele ter sido condenado à morte e crucificado que, nem mesmo com Ele já a seu lado e a falar com eles e acerca de Si próprio, O conseguiam reconhecer.

Não é difícil detectar, na minha própria vida ou na vida de outros à minha volta, situações semelhantes. Provavelmente já me dei conta delas na primeira parte, quando tentava encontrar-me comigo próprio: situações em que, lutando pela vida, me deparo com a morte, muitas vezes devido ao pecado, meu ou dos outros.

Mas também vi que só Deus me pode libertar de tais situações e da frustração ou até desespero que elas provocam em mim. Para isso é que Jesus vem ao meu encontro, como fez com os dois discípulos de Emaús: antes de mais, para mostrar como o que acontecera com Ele até à sua crucifixão e morte já estava, afinal, nos planos de Deus, registados nas Escrituras, neste caso, as do Antigo Testamento. É com base nelas que Jesus pergunta: *Não tinha o Messias de sofrer essas coisas para entrar na Sua glória?*

Já antes vimos alguns dos textos bíblicos sobre este tema. Aliás, em praticamente todos os temas até agora abordados, temos sido iluminados pela palavra de Deus na Escritura, mas incluindo também o Novo Testamento, isto é, a palavra de Deus plenamente realizada em Cristo.

Quer isto dizer que o que Ele fez a caminho de Emaús, tem estado a fazê-lo comigo, vindo ao meu encontro. E, possivelmente, também eu já sinto o que os dois discípulos de então sentiam pelo caminho, embora só depois o confessassem: *Não ardia cá dentro o nosso coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava a Escritura?*

32 Mas, para O reconhecerem plenamente, precisavam ainda de experimentar o que Ele lhes mostrou, no final da caminhada e já à mesa (**Lc 24, 30**):

“TOMOU O PÃO, RECITOU A BÊNÇÃO, PARTIU-O E ENTREGOU-LHO”

Conhecemos certamente estes gestos, sobretudo da última Ceia de Jesus e da Eucaristia. Em Emaús só faltava o que Ele, numa e noutra, acrescenta — primeiro sobre o pão: *Tomai todos e comei: isto é o Meu Corpo entregue por vós*. E depois sobre o vinho: *Tomai todos e bebei: este é o cálice do Meu Sangue, o Sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos, para remissão dos pecados. Fazei isto em memória de Mim*.

A memória não é só a da última Ceia, mas sobretudo a do acontecimento a que estas palavras dão um sentido novo: a morte de Cristo na cruz. Foi então que Ele realmente entregou todo o Seu Corpo e derramou o Seu Sangue até à última gota, isto é, ofereceu toda a Sua vida, da qual o corpo e o sangue, por serem partes integrantes, são expressão privilegiada.

Na última Ceia, “ao fazer do pão o Seu Corpo e do vinho o Seu Sangue, Ele antecipa a Sua morte, aceita-a no Seu íntimo e transforma-a numa acção de amor. Aquilo que exteriormente é violência brutal — a crucifixão — torna-se interiormente um gesto de amor que se doa totalmente”⁵⁷ — um amor que Ele nos oferece principalmente na Eucaristia.

Mais do que na última Ceia, na celebração eucarística já é Cristo glorioso quem Se me dá com o amor que O fez triunfar para sempre sobre a morte. Também mais do que no Baptismo e na Confirmação: até por ser em forma de alimento, o Seu encontro comigo na Eucaristia é muito mais íntimo e não se limita a uma vez na vida, mas pode repetir-se todos os dias.

E que bem me faz saboreá-lo! É para isso que as palavras de Jesus são escutadas no meio de um silêncio de profundo respeito,

57. Bento XVI, citado no *Youcat*, pág. 124.

contemplação e adoração. Há até quem preencha esse silêncio, sussurrando a exclamação de São Tomé a Cristo ressuscitado, depois de rendido aos sinais do Seu amor, visíveis nas mãos e no lado de crucificado: *Meu Senhor e meu Deus!*⁵⁸ Nos Seus gestos e palavras eucarísticas deparamos com o mesmo “mistério da fé” que tanto extasia São Tomé. É essa fé que exprimimos também com a exclamação que irrompe do silêncio: “Anunciamos, Senhor, a Vossa morte, proclamamos a Vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus.”

Depois de, com a mesma fé, comermos o pão consagrado no Corpo de Senhor, sentiremos o que Santo Agostinho descobriu na sua conversão: “Aconteceu que ouvi uma voz das alturas: «Eu sou o alimento dos fortes; sobe e come de mim! Contudo, não me transformarás em ti, como um alimento físico, mas tu é que serás transformado em mim».”⁵⁹

Uma transformação que reforça a fortaleza, já recebida no Batismo e Crisma. Entre as incidências que ela tem na nossa vida, a mais determinante é esta:

“SE MORREMOS COM CRISTO, ACREDITAMOS QUE TAMBÉM COM ELE VIVEREMOS”

33 São Paulo afirma-o a propósito do nosso Baptismo.⁶⁰ Foi então que, unidos a Cristo, iniciámos uma vida em que, como Ele, triunfaremos completamente sobre a morte — um triunfo em que participará também o nosso corpo: *Se o Espírito d’Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou Cristo de entre os mortos, também dará vida aos vossos corpos, por meio do Seu Espírito que habita em vós.*⁶¹

Como é possível acreditarmos nisto? Todos verificamos o que acontece, após a morte, ao cadáver que se desfaz na terra em que é sepultado, ou no crematório em que é incinerado. Se o nosso corpo desaparece assim completamente, com que corpo iremos nós ressuscitar?

Esta pergunta já foi feita a São Paulo por cristãos de Corinto que, embora por razões um pouco diferentes, negavam que os mortos ressuscitem. A resposta de São Paulo é peremptória: *Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou. Mas se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã é também a vossa fé.*⁶² Ou seja, a ressurreição de Cristo, sendo o fundamento da nossa existência cristã, é, pelo menos para nós, inquestionável. Caso contrário, nem sequer teria sentido o que estamos a fazer. É totalmente diferente encontrarmo-nos com um vivo ou um defunto. Se é que, neste último caso, de encontro se pode falar.

Mas São Paulo não se contenta com esta resposta. Para mostrar (em **1 Cor 15, 35-49**) como a ressurreição corporal não é tão antinatural como se poderia depreender da decomposição do corpo, chama a nossa atenção para o que se passa na vida vegetal e animal. Se de uma semente, lançada à terra, pode surgir uma planta viva e bela, não poderá Deus fazer o mesmo com o nosso corpo mortal? E se os seres vivos da terra (homens e animais, aves e peixes) têm corpos desiguais, como desigual é ainda o brilho entre esses corpos e o dos astros (Sol, Lua e estrelas, também diferentes entre si), não poderá Deus fazer com que o nosso corpo natural, fraco e corruptível, se torne um corpo espiritual (no sentido de plena e definitivamente animado pelo Espírito de Deus), glorioso e incorruptível? E se é esse o corpo de Cristo ressuscitado, porque não há-de Deus fazer o mesmo com os nossos corpos, nós que já recebemos o mesmo Espírito com que Ele ressuscitou Jesus de entre os mortos?

Isto significa também que a nossa ressurreição começa já na nossa vida terrestre, a partir da nossa comunhão baptismal com Cristo. É ainda São Paulo quem o diz: *Sepultados com Ele no Baptismo, foi também com Ele que fostes ressuscitados, pela fé que tendes no poder de Deus que O ressuscitou dos mortos.*⁶³

E, de facto, notamos sinais desta ressurreição já na nossa vida de crentes. Um deles é a esperança com que enfrentamos as contrariedades e sofrimentos que a vida presente nos traz, tantas vezes por causa da nossa fé. Como nos diz São Paulo:⁶⁴

58. Jo 20, 28.

59. Citado no *Youcat*, pág. 124.

60. Rom 6, 8.

61. Rom 8, 11.

62. 1 Cor 15, 13-14.

63. Col 2, 12.

64. Em Rom 8, 24.

“FOI NA ESPERANÇA QUE FOMOS SALVOS”

34 Isto é, a esperança que nos anima está enraizada na salvação em que já participamos, que o mesmo é dizer, no Deus que nos salva. E, por isso, é muito maior do que uma simples esperança humana. *Não engana* — diz São Paulo. E indica a razão: *porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*,⁶⁵ o amor comprovado na cruz e na ressurreição.

Quem vive deste amor, encontrará força perante as tribulações e amarguras inevitáveis na vida. Enfrenta-as como ocasião e meio para reforçar esse amor e a esperança que nele se fundamenta, *sabendo que a tribulação produz a paciência, a paciência a firmeza, e a firmeza a esperança*; mais: *os sofrimentos da vida presente não têm comparação com a glória que há-de revelar-se em nós*.⁶⁶

Não é difícil encontrar cristãos que assim pensam e vivem, no passado e presente da Igreja, nomeadamente da nossa Diocese — cristãos que podem fazer suas estas palavras de São Paulo: *Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? Mas, em tudo isso, saímos mais do que vencedores, graças Àquele que nos amou. Estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem o abismo, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus que está em Jesus Cristo, Senhor nosso*.⁶⁷

35 Se não fizemos ainda a maravilhosa experiência evocada nestas palavras, ou se a queremos reviver, sirvamo-nos delas como oração. São palavras de Deus, que Ele quer infundir no nosso coração para que, pelos nossos lábios, possam subir até Ele — como acção de graças ou súplica.

É que, diz-nos o Papa Bento XVI,⁶⁸ “o primeiro e essencial lugar de aprendizagem da esperança é a oração. Quando já ninguém mais me escuta, Deus ainda me ouve... Se não há mais ninguém que me possa ajudar — por tratar-se de uma necessidade ou de uma ex-

pectativa que supera a capacidade humana de esperar — Ele pode ajudar-me.”

Esta oração, porém — acrescenta o Santo Padre — “deve, por um lado, ser muito pessoal, um confronto do meu eu com Deus; mas, por outro, deve ser incessantemente guiada e iluminada pelas grandes orações da Igreja e dos santos, pela oração litúrgica, na qual o Senhor nos ensina continuamente a rezar de modo justo.”⁶⁹ Entre elas, sobressaem as orações que a Bíblia nos oferece.

36 É o caso do **Salmo 22/23**. Com ele posso confiar-me, pessoal e totalmente, ao Senhor meu Deus, o pastor e anfitrião que me guia e acolhe, me protege e alimenta, contra todo o género de perigos e adversários que ameacem a minha vida.

“O SENHOR É MEU PASTOR”

¹O Senhor é meu pastor: nada me falta.

²Leva-me a descansar em verdes prados,
conduz-me às águas refrescantes

³e reconforta a minha alma.

Ele me guia por sendas direitas,
por amor do Seu nome.

⁴Ainda que tenha de andar por vales tenebrosos,
não temerei nenhum mal, porque Vós estais comigo:
o Vosso cajado e o Vosso báculo me enchem de confiança.

⁵Para mim preparais a mesa,
à vista dos meus adversários:
com óleo me perfumais a cabeça
e meu cálice transborda.

⁶A bondade e a graça hão-de acompanhar-me,
todos os dias da minha vida,
e habitarei na casa do Senhor,
para todo o sempre.

⁶⁵. Rom 5, 5.

⁶⁶. Rom 5, 3-4; 8, 18.

⁶⁷. Rom 8, 35.37-39.

⁶⁸. Na Encíclica *Spe Salvi*, n.º 32.

⁶⁹. *Ibidem*, n.º 34.

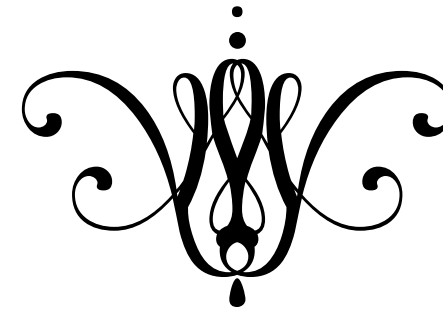
A razão decisiva desta entrega ao Senhor está no centro do Salmo (v. 4): *porque Vós estais comigo*. Por isso lhe chamo “Senhor”, que corresponde a IAHVEH, o nome hebraico que O identifica e que Ele revelou e explicou pela primeira vez a Moisés: *Eu sou Aquele que estou (convosco)*.⁷⁰

É, acima de tudo, desde que Ele nos deu o Seu Filho Jesus Cristo que deu a vida e ressuscitou também por mim, é sobretudo a partir de então que Ele está comigo, principalmente pela Palavra de Deus com que me ilumina e pelo Pão do Céu com que me fortalece.

É nisso que se funda a minha firme esperança de um dia poder habitar para sempre na mansão que me está preparada na glória celeste.

E que me falta ainda para essa esperança se concretizar?

70. Ex 3, 14.





·~·[TERCEIRA PARTE]~·

COM CRISTO AO ENCONTRO COM OS OUTROS

37 Ninguém que verdadeiramente se tenha encontrado com Jesus Cristo, pode deixar de O comunicar aos outros. Por estas ou outras palavras semelhantes, esta afirmação tem sido repetida, quer pelo Bem-Aventurado João Paulo II quer pelo actual Papa, com base na própria experiência e na de inúmeros cristãos, desde os primórdios do cristianismo. Todos eles sentem a mesma necessidade, tão bem expressa por São Paulo: *Ai de mim, se eu não evangelizar!*⁷¹ É que, se o não fizer, jamais se consumará em mim a ressurreição já iniciada.

38 Mas, em que sentido contribui para isso o meu testemunho de Cristo? E como devo dá-lo? E quem são os que esperam por esse testemunho ou dele necessitam?

Começando por esta última pergunta, os primeiros destinatários do meu testemunho cristão têm de ser:

71. 1 Cor 9, 16.

OS MEMBROS DA IGREJA A QUE PERTENÇO

Foi assim que fizeram, por exemplo, Maria Madalena e os discípulos de Emaús. Maria foi ter com os restantes discípulos e anunciou-lhes: *Vi o Senhor!*⁷² E os discípulos de Emaús, após terem reconhecido Jesus na fracção do pão, na mesma noite, voltaram para Jerusalém, onde *encontraram reunidos os Onze e os seus companheiros*.⁷³ E eles já estavam reunidos, porque, entretanto, Jesus ressuscitado tinha aparecido também a *Simão Pedro*.⁷⁴

Foi assim que a Igreja se foi formando: pelo encontro entre si das testemunhas do Ressuscitado. A palavra “Igreja” (do grego *ekklesia*) significa, originariamente, “convocação” e, depois, a “assembleia” dos convocados — neste caso, por Jesus Cristo morto e ressuscitado. Foi Ele que levou as testemunhas da Sua ressurreição a partilharem mutuamente, não apenas a alegria de O terem visto, mas sobretudo a razão última dessa alegria: a paz e o amor que Ele lhes transmitiu, para os transformar e passar a manifestar-Se neles e por eles, na comunhão que os une. É que o amor, se existe, tem de partilhar-se.

Daí que à nova “assembleia” se chame a *Igreja de Deus*,⁷⁵ do Deus actuante em Jesus Cristo, ou *Igreja de Cristo*⁷⁶ ou ainda *Igreja que está em Cristo Jesus*,⁷⁷ isto é, que existe por Ele e na qual Ele agora Se dá.

Para exprimir esta mútua comunhão existencial entre Cristo e a Igreja, a Bíblia serve-se de várias imagens: chama à Igreja “corpo de Cristo” ou “corpo de que Cristo é a cabeça”, “esposa de Cristo”, “ramos da videira que é Cristo”. Tudo isto para dizer que a Igreja vive de Cristo; mas também o inverso: sem o restante corpo, sem a esposa ou os ramos, nem a cabeça ou o esposo ou a videira podem realizar o que deles é específico. Portanto, também Cristo necessita da sua Igreja.

Isto significa que a Igreja, embora seja formada por homens e mulheres, e homens e mulheres pecadores, não pode ser vista como uma simples instituição humana. Seria “uma apreciação superficial, porque Cristo deu-Se de tal forma por nós, pecadores, que Ele nunca abandona a Igreja, mesmo se O traíssemos diariamente. A inquebrantável ligação entre o humano e o divino, o pe-

cado e a graça, é o mistério da Igreja. Vista com os olhos da fé, a Igreja é indestrutivelmente santa.”⁷⁸

E isto significa também que eu não posso encontrar Cristo, sem a Sua Igreja. “Amar Cristo e a Igreja: trata-se da mesma coisa”, disse o Irmão Roger Schutz, fundador da comunidade ecuménica de Taizé.⁷⁹ Portanto, eu preciso da Igreja, para viver de Cristo. Como, pela mesma razão, a Igreja precisa de mim. Vejamos, com alguns exemplos, como se concretiza esta necessidade mútua.

EU PRECISO DA IGREJA

39 Se a sociedade civil é imprescindível para a existência de qualquer indivíduo, muito mais o é a Igreja para os cristãos. Repare-se como Jesus, seu fundador e fundamento, define a nossa identidade, e para mais com palavras ditas na última Ceia e por isso com o valor de um testamento: *Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros; como Eu vos amei, amai-vos uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois Meus discípulos: se vos amardes uns aos outros*.⁸⁰

Como poderíamos nós pôr em prática este mandamento, sem nos reunirmos em assembleia? Se não todos os dias, pelo menos ao Domingo, o dia do Senhor; e, anualmente, em datas mais significativas, para a Igreja em geral e a Igreja local; e ainda por ocasião de acontecimentos marcantes para a nossa vida pessoal, familiar ou comunitária. São sempre encontros de festa, porque celebrativos do amor com que o Senhor nos salva, e, como tal, de convívio, partilha, expressiva do mesmo amor entre nós.

Partilhamos o que recebemos. No centro das festas cristãs tem de estar sempre a celebração eucarística, com a comunhão do Corpo de Cristo entregue por nós. É este amor do Senhor e ao Senhor, nesta sua expressão mais forte e fortificante, que nos leva, a nós que dele nos alimentamos, a repartir o nosso pão e outros alimentos ou tantos outros dons que fazem parte da nossa vida, uma vida que o é tanto mais, quanto mais se alarga à vida daqueles que amamos e nos amam.

72. Jo 20, 18.

73. Lc 24, 33.

74. Lc 24, 34.

75. Act 20, 28; 1 Cor 1, 2; 10, 32; 11, 16.22...

76. Rom 16, 16.

77. 1 Tes 2, 14; Gal 1, 22.

78. *Youcat*, n.º 124.79. Citado no *Youcat*, pág. 80.

80. Jo 13, 34–35.

E, quanto bem, isto nos faz — sentir aquela felicidade de quem já vive em Cristo e caminha assim para a participação plena na glória da Sua ressurreição, aquilo que todos mais desejamos!

Neste campo, são ainda de realçar outras manifestações festivas na nossa Diocese: a visita pascal, que tanto envolve as nossas comunidades cristãs, e inúmeras festas, peregrinações e romarias, com tantos e tão persistentes participantes e, nalguns casos, desde tempos quase imemoriais. Todas estas manifestações são de manter, até pela sua ligação aos nossos antepassados, essencial para a conservação da nossa identidade como Povo de Deus.

Mas que nelas não se perca de vista o presente da Igreja em que estamos inseridos. Graças a Deus, tem havido esta preocupação, pelo menos nalguns casos: por exemplo, purificando e completando expressões mais populares de religiosidade com a leitura e meditação da Palavra de Deus, com cânticos e orações nela inspirados, com a sua execução cuidada, de modo que toda a assembleia participe, com a celebração do perdão no sacramento da Penitência, com a aplicação das ofertas dos fiéis de acordo com os fins determinados pela Igreja... Tudo, em ordem a uma maior vivência do amor cristão, nomeadamente nesta sua outra vertente:

A IGREJA PRECISA DE MIM

40 Há cristãos que só procuram a Igreja quando dela precisam, e apenas ou predominantemente para satisfazer necessidades pessoais, se não mesmo caprichos, porventura contrários à fé e prática cristã. São pessoas que possivelmente desconhecem, teórica e praticamente, em que consiste realmente o amor que o Senhor nos deixou.

Talvez confundam — uma confusão generalizada — amar com gostar. Para percebermos que não são a mesma coisa, embora não se excluam, sirvamo-nos da distinção que o Santo Padre Bento XVI faz entre as palavras gregas *eros* e *agápe*.

Escreve ele que “os gregos (...) viram no *eros* sobretudo o inebriamento, a subjugação da razão por parte duma «loucura divina» que arranca o ser humano das limitações da sua existência e, neste estado de transtorno por uma força divina, faz-lhe experimentar a mais alta beatitude.” Por isso, o *eros* era “celebrado como uma força divina”, e da celebração fazia parte a união sexual com mulheres tidas por sagradas, que, porém, não eram “tratadas como seres humanos e pessoas,” mas serviam “apenas como instrumentos para suscitar a «loucura divina», (...) pessoas humanas de quem se abusa.”⁸¹

Contrariamente ao *eros*, com esta instrumentalização e degradação da pessoa humana, a *agápe* “exprime a experiência do amor que agora se torna verdadeiramente descoberta do outro, pelo outro, superando assim o carácter egoísta que antes claramente prevalecia. (...) Já não se busca a si próprio, não busca a imersão no inebriamento da felicidade; procura, ao invés, o bem do amado: torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício, procura-o até.”⁸²

Ao *eros* grego pode associar-se, entre nós, o gostar, ainda que este não chegue às mesmas formas de divinização do *eros*. Mas pode levar à idolatria de pessoas e coisas, pelo gosto e prazer que dão, como acontece também nos nossos dias. Se essas pessoas ou coisas nos causam desgosto, então cortamos com elas, como deixamos a comida ou bebida que o nosso paladar não aprecia. Não será também por isso que, por exemplo, tantas uniões matrimoniais falham?

Enquanto o termo *eros* nunca aparece no Novo Testamento grego, domina nele a palavra *agápe* ou o verbo correspondente, para exprimir o amor, tanto de Deus ou de Cristo, como dos cristãos: o amor de quem tudo faz pelo bem da pessoa amada. Mesmo que não se sinta gosto por ela, sobretudo devido a desgostos sofridos. Foi assim que Cristo amou a Sua Igreja, constituída por pessoas que viam no pecado e nele podem recair. E é assim que Ele nos manda amar uns aos outros, incluindo os inimigos, que nos desgostam, mas dos quais até podemos vir a gostar, principalmente no caso de se converterem ao amor com que são amados.

81. Bento XVI, *Deus caritas est*, n.º 4.

82. *Ibidem*, n.º 6.

Porque é deste e para este amor que vive a Igreja, também ela conta com cada um dos seus membros. E para que cada um deles mereça o nome de cristão, isto é, de Cristo, não pode abandonar a sua família eclesial ou procurá-la somente quando lhe convenha ou ape-teça. Em vez disso, todos devem antes, pelo menos, perguntar-se:

QUE PRECISA A IGREJA DE MIM?

41 A resposta pode obter-se a partir de **1 Cor 12**, o texto em que São Paulo mais desenvolve a já referida comparação da Igreja com o corpo humano. Resume-a assim: *Como o corpo é um só e tem muitos membros e todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, constituem um só corpo, assim também Cristo* (v. 12).

A conclusão já indica que não se trata de uma simples imagem. Paulo não diz: “assim também a Igreja”, mas: *assim também Cristo*. E mais à frente afirma mesmo: *Vós sois o corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro* (v. 27). Ou seja, Cristo, entre nós, é na Sua Igreja que vive e Se comunica, e a Igreja é realmente o Seu corpo, porque animada pelo Seu Espírito e alimentada com o Seu Corpo e Sangue — um corpo que funciona de um modo semelhante ao do corpo humano, mas também diferente dele.

Semelhante, porque, como os vários membros e órgãos do corpo humano são todos necessários para o seu bom funcionamento, assim acontece na Igreja. Basta vermos a quantidade e variedade de cristãos que colaboram na vida da comunidade cristã mais restrita a que pertencem: na catequese e outras acções formativas, nas diferentes celebrações litúrgicas, no multifacetado serviço de caridade dentro e fora da comunidade. Com tantas actividades, não me posso dispensar de dar o meu contributo, para bem da comunidade e meu próprio bem. Que bem?

Por ser de Cristo, a Igreja está muito acima de um corpo humano: não apenas, nem tanto, pelo número infinitamente superior dos seus membros, como sobretudo pela energia sobre-humana que os

anima e faz dos seus dotes e qualidades aquilo a que São Paulo chama “carismas”.

Esta palavra vem do grego *kharis*, que significa “graça”. Os carismas cristãos são a graça de Deus em acção naqueles que a recebem, a graça manifestada sobretudo em Cristo e comunicada pelo Seu Espírito vivificante. Por isso, o que eles realizam é feito de graça e com uma intensidade que é difícil de atingir apenas com as capacidades humanas. Quem é movido pela graça divina, tem como única intenção o bem daqueles que serve e pelos quais tudo faz — com aquela caridade (também ela proveniente de *kharis*) que *tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo aguenta*, a caridade que *jamaiz acaba*.⁸³

E, de facto, assim acontece em muitas comunidades cristãs da nossa Diocese: sacerdotes, catequistas, membros de conselhos económicos e pastorais, colaboradores na animação litúrgica ou no serviço caritativo, membros de movimentos, associações e confrarias — com que seriedade e dedicação, desprendimento e sacrifício, preparação e competência, tantos deles se entregam às tarefas que livremente assumem, não para delas tirarem em próprio favor proventos económicos, sociais ou outros, mas pelo bem que fazem aos outros e do qual eles próprios acabam por aproveitar, mas para crescerem na fé, na esperança e no amor que de tudo é capaz, até de vencer a morte para sempre, como Cristo e com Cristo!

E só assim é que a Igreja, e eu próprio nela, estamos em condições de, como é dever de todo o cristão, dar testemunho de Cristo também no mundo em que vivemos.

O MUNDO PRECISA DE MIM

42 Clarifiquemos, antes de mais, o que se entende com a palavra “mundo”, seguindo, neste caso, os escritos bíblicos de São João: trata-se do mundo que, por um lado, foi criado por Deus e ao qual Ele enviou o Seu Filho Unigénito; mas, por outro lado, não O reconhece e até O rejeita.⁸⁴

^{83.} 1 Cor 13, 6–7.
^{84.} Cf. Jo 1, 1–18.

Este é, em primeiro lugar, o mundo dos não cristãos, mas também de muitos cristãos que, pelo seu modo de pensar e agir, vivem como se o não fossem. Alguns abandonaram a Igreja, outros procuram-na de vez em quando e outros ainda, embora participem na vida da Igreja, não se esforçam por viver de acordo com a fé cristã. Pelo menos algumas dessas pessoas, provavelmente, vivem bem perto de mim, por ligações de família ou vizinhança, de trabalho ou lazer.

Mas são pessoas que, embora nada ou pouco querendo saber de Cristo, d'Ele necessitam e até, talvez sem disso terem consciência, por Ele esperam. Também elas o que querem é viver — a mesma vida ilimitada pela qual eu tanto luto e que só Cristo pode oferecer. Pode e quer, Ele e Deus. *Tanto amou Deus o mundo, que lhe deu o Seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que n'Ele crê, tenha a vida eterna.*⁸⁵ E foi por todo este mundo, e para que tenha esta vida, que Cristo deu a Sua vida — e continua a dá-la. Neste caso, através da Sua Igreja, do testemunho de cada um dos seus membros — o testemunho que eu não posso deixar de dar, tal é a força do amor que pulsa em mim.

QUE TESTEMUNHO ESPERA O MUNDO DE MIM?

43 Um testemunho de amor por ele: o mesmo amor de Deus e de Cristo, que Ele infunde em mim pelo Seu Espírito, para ir ao encontro de todos os outros, que Ele também tanto ama, neste caso, em mim e por meio de mim.

Tem, por isso, de ser um testemunho que, antes de ser ouvido ou simultaneamente, tem de ser visto, sentido. No amor, as acções falam imensamente mais do que as palavras. Transmitem ao vivo o que as palavras dizem. Já foi assim com Cristo: a Sua mensagem teve o sucesso que teve, antes de mais porque Ele a vivia. E São Paulo confessava, a propósito do seu anúncio do Evangelho: *Completo o que falta à paixão de Cristo, na minha carne, em benefício do Seu corpo que é a Igreja.*⁸⁶ Não porque a paixão de Cristo tivesse sido insuficiente para nos salvar, mas porque ela tinha de transparecer ao vivo na

vida do Apóstolo, para que a sua mensagem fosse credível e assim se formasse e mantivesse a Igreja.

Hoje, não é diferente. E os casos são mesmo incontáveis. Uma criança, por exemplo, entrega-se muito mais espontaneamente a Deus nosso Pai, se O experimentar ao vivo no pai ou na mãe que a amam e lhe apontam para o Pai do Céu como fonte do seu amor. E na catequese: é sobretudo na dedicação, persistente e por vezes tão sofrida, do catequista que os catequizandos descobrem o sentido profundo da mensagem que lhes é comunicada e a ela aderem. E os jovens e adultos: quantos se abrem ou podem abrir a Cristo, por senti-lo primeiramente na amizade sincera e desprendida de um colega de escola, de trabalho ou de lazer, ao qual, directa ou indirectamente, acabam por perguntar: porque és assim para comigo?

A mesma pergunta ou outra semelhante pode ser feita a um cristão que, livre e persistentemente, visita doentes ou idosos, para lhes dar o conforto de que necessitam. Ou à mãe que interrompe ou abandona uma carreira profissional para se dedicar a tempo inteiro aos seus filhos. Ou a um casal cristão que generosamente opta por ter uma família numerosa. Ou a um jovem que troca o bem-estar da sua família e da sua terra por missões humanitárias em países sem condições de vida minimamente dignas. Ou a um político ou empresário que rejeitam toda a espécie de corrupções. Ou a um professor ou médico, operário ou qualquer outro profissional cristão que colocam acima de todos os interesses pessoais o bem que podem fazer aos outros. Porque o fazem? De onde lhes vem a coragem?

44 É a cristãos, com opções e atitudes como estas, que se aplicam as palavras de São Pedro: *No íntimo do vosso coração, confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça.*⁸⁷ Trata-se da esperança que nasce e vive da entrega de fé a Cristo Senhor. Por isso, é d'Ele que tenho de falar.

Mas, para que não seja de um modo que destoe do que digo, São Pedro acrescenta: *Com mansidão e respeito, mantende limpa a consci-*

85. Jo 3, 16.
86. Col 1, 24.

87. 1 Ped 3, 15.

ência, de modo que os que caluniam a vossa boa conduta em Cristo sejam confundidos, naquilo mesmo em que dizem mal de vós.⁸⁸

É o que acontece, por exemplo, com pessoas que, por uma razão ou outra, criticam a Igreja ou dela se afastaram, mas que, por razões e em circunstâncias várias, se vêem na necessidade de a ela recorrer. Quantas há que, ao serem acolhidas e tratadas com a mansidão e o respeito recomendados por São Pedro, mudam de ideias e se tornam receptivas Àquele que, por detrás de desejos imediatos, afinal procuram: Jesus Cristo, que, na pessoa de um sacerdote, religioso ou religiosa ou leigo cristão, acolhe e alivia *todos os cansados e oprimidos, por ser manso e humilde de coração*, como Ele próprio Se apresenta.⁸⁹

E quanto bem este testemunho de Cristo, à medida que vai conquistando outros para se tornarem Suas testemunhas, quanto bem esta cadeia interminável de testemunhos pode trazer à sociedade de que os cristãos fazem parte, em todas as áreas da sua vida!

É como o minúsculo grão de mostarda a que Jesus compara o Reino de Deus: uma vez semeado, produz *a maior de todas as plantas da horta e torna-se árvore, de modo que as aves do céu vêm abrigar-se nos seus ramos*; ou *como o fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado*.⁹⁰ É este o Reino iniciado por Cristo e que, desde então, tem atingido proporções imensuráveis. Também eu já faço parte dele. Portanto, o seu crescimento e expansão dependem também de mim, do meu testemunho.

UM TESTEMUNHO EM QUE EU, NA TOTALIDADE, ME EMPENHE

45 É esta a dimensão do amor cristão: ser ilimitado. Foi assim que Cristo Se deu todo por todos. E comigo não pode ser diferente. Quem tudo me dá, tudo me pode pedir; e eu, para ser coerente com o que recebi, tenho de me dar todo, com tudo o que tenho e sou.

É isso que Jesus espera de mim: *Se alguém vem ter comigo, e não Me preferir ao pai, à mãe, à esposa, aos filhos, aos irmãos e irmãs e até*

*à própria vida, não pode ser Meu discípulo. Quem não toma a sua cruz para Me seguir, não pode ser Meu discípulo.*⁹¹

Portanto, nem os meus vínculos familiares se podem sobrepor à minha adesão a Cristo. Até porque só em total comunhão com Ele, estou em condições de me poder entregar totalmente aos outros, a começar pelos meus, e conquistá-los para a mesma entrega — por mim e por todos.

É uma entrega que passa pela cruz: a cruz da renúncia ao meu tempo e haveres, ao meu egoísmo e comodismo; ou então a cruz das incompreensões, rejeições e até perseguições, por vezes da parte daqueles a quem me dou; ou ainda a cruz dos meus fracassos e desânimos, medos e cansaços.

E que fazer para me não deixar esmagar por esta cruz, mas antes a assumir para uma entrega mais convicta e completa, como fez Jesus com a Sua cruz? — O único caminho é procurá-l'O ainda mais, fortalecer a minha comunhão com Ele, com os Seus sofrimentos, para receber a vida que neles me oferece.

É em situações como essas que soam com mais harmonia nos meus ouvidos as palavras que Ele me diz no centro de cada Eucaristia: “Isto é o Meu Corpo, que será entregue por vós” — também por mim; “Este é o cálice do Meu Sangue (...), que será derramado por vós e por todos” — também por mim.

E, com uma fé assim fortalecida, posso fazer ainda mais da minha vida uma permanente Eucaristia no altar do mundo, em que empenhe todo o meu ser, como diz São Paulo: *Exorto-vos, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. Seja este o vosso verdadeiro culto, o razoável. Não vos conformeis com este mundo. Pelo contrário, deixai-vos transformar pela renovação da mente, para poderdes discernir qual é a vontade de Deus: o que é bom, Lhe é agradável e é perfeito.*⁹²

Repare-se como São Paulo, nestas recomendações, me envolve todo em Deus, princípio e fim de toda a minha vida. O que sou, no corpo e na mente, devo-o à Sua misericórdia, manifestada através de tantas pessoas que, desde o seio de minha mãe, tanto me têm

88.1 Ped 3, 16.

89. Mt 11, 29.

90. Mt 13, 31-33.

91. Lc 14, 26-27.

92. Rom 12, 1-2.

amado para que eu viva. E em tudo o que penso e faço, com a mente e o corpo, não só evito deixar-me contaminar por critérios mundanos, mas ofereço-me todo a Deus, realizando o que Lhe é agradável e, n'Ele, poder viver para sempre. A única resposta adequada à Sua graça infinita só pode ser uma eucaristia, uma acção de graças que não tenha fim, mas se prolongue e alargue até à vida eterna, que tanto desejo e firmemente espero do único Deus em quem deposito toda a minha confiança.

CREIO NA VIDA ETERNA

46 É assim que o Santo Padre Bento XVI tenta descrevê-la: após reconhecer os limites da expressão “vida eterna”, por se poder associar a aspectos limitativos da nossa vida terrena, convida-nos a “procurar sair, com o pensamento, da temporalidade de que somos prisioneiros e, de alguma forma, imaginar que a eternidade não seja uma sucessão contínua de dias do calendário, mas algo parecido com o instante repleto de satisfação, onde a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade. Seria o instante de mergulhar no oceano do amor infinito, no qual o tempo — o antes e o depois — já não existe. Podemos somente procurar pensar que este instante é a vida no sentido pleno, um incessante mergulhar na vastidão do ser, ao mesmo tempo que ficamos simplesmente inundados pela alegria.”⁹³

Sendo assim, “o instante de mergulhar no oceano infinito do amor” permite entender que a vida eterna começa já no presente da nossa vida, iniciada no Baptismo. Desde então, podemos já usufruir de centelhas, ainda que mínimas, do amor que será total e indestrutível na nossa comunhão completa e definitiva com Deus. Se, como afirma a Escritura, *Deus é amor*, e *o amor jamais acaba*,⁹⁴ então, conclui o Youcat, “quando estamos no amor, entramos na infundável presença de Deus.”⁹⁵ E experimentamos já uma alegria, uma felicidade, por vezes indescritível.

47 Mais: só gozaremos plena e definitivamente dessa felicidade, se neste mundo partilharmos a nossa vida com os outros, sobretudo com os mais carenciados de vida. Só assim Jesus Cristo nos dirá na Sua glória: *Vinde benditos de Meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-Me de comer, tive sede e destes-Me de beber, era peregrino e recolhestes-Me, estava nu e destes-Me que vestir, adoeci e visitastes-Me, estive na prisão e fostes visitar-Me*. À pergunta: quando aconteceu tudo isto? — responderá: *Sempre que o fizestes a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes*.⁹⁶

Quer isto dizer que Cristo, na glória do Pai como ressuscitado, continua a amar e a dar-Se a estes e a tantos outros Seus irmãos mais pequeninos. Tanto Se dá, que Se identifica com eles. E significa ainda que esta Sua entrega faz parte da vida eterna que Ele tem em plenitude. Tem-na, na medida em que a comunica, na lógica do amor, que existe na medida em que se pratica.

Se é assim com Cristo, não poderá ser diferente comigo. Isto é, naquele instante decisivo e derradeiro da minha morte — em que hei-de, assim o espero, mergulhar para sempre no oceano infinito do amor de Deus — nesse instante, não serei separado de todos aqueles para quem vivi, a quem dei a minha vida, com Cristo e como Ele. Embora de modo diferente, continuarei a fazer parte das suas vidas e, depois, das vidas daqueles a quem eles a derem, e assim sucessivamente, numa cadeia que se prolonga e alarga à escala infinita da eternidade, própria da vida e do amor de Deus.

E se esta partilha de vida, já neste mundo, me faz tão feliz — veja-se, por exemplo, o que sentem os pais com os filhos, os netos e os bisnetos — quanto maior não será a felicidade de que hei-de gozar na comunhão eterna com Deus e com todos aqueles que comigo dela participam e, directa ou indirectamente, contribuíram para a minha vida!

93. Bento XVI, *Spe Salvi*, n.º 12.
94. 1 Jo 4, 16; 1 Cor 13, 8.
95. N.º 156.

96. Mt 25, 34-40.

48 Um desses santos é Maria, a Mãe do Filho de Deus e nossa Mãe do Céu, que, para dar voz à nossa inefável alegria, nos oferece este maravilhoso hino de louvor ao Senhor nosso Deus (em **Lc 1, 46–55**):

“A MINHA ALMA GLORIFICA O SENHOR”

⁴⁶A minha alma glorifica o Senhor

⁴⁷e o meu espírito se alegra em Deus, meu salvador.

⁴⁸Porque pôs os olhos na humildade da Sua serva:

de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.

⁴⁹O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:

Santo é o Seu nome.

⁵⁰A Sua misericórdia se estende de geração em geração

sobre aqueles que O temem.

⁵¹Manifestou o poder do Seu braço

e dispersou os soberbos.

⁵²Derrubou os poderosos de seus tronos

e exaltou os humildes.

⁵³Aos famintos encheu de bens

e aos ricos despediu de mãos vazias.

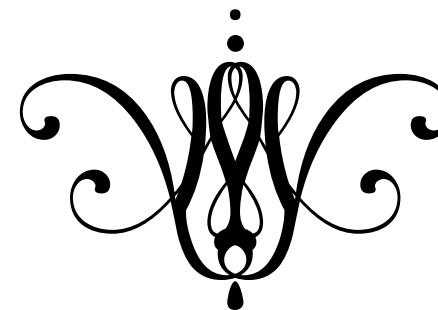
⁵⁴Acolheu a Israel, Seu servo,

lembrado da Sua misericórdia,

⁵⁵como tinha prometido a nossos pais,

a Abraão e à sua descendência para sempre.

Rezemos (cantando) este hino de glória como faz Maria: com todo o nosso ser — corpo, alma e espírito — e recordando as maravilhas que o Senhor, na Sua imensurável misericórdia, tem feito e está a fazer também em cada um de nós e por meio de cada um de nós, na sequência das que já foram realizadas por Seu Filho em favor dos mais desfavorecidos, os que mais precisam de amor e de vida — a vida em que a morte será vencida para sempre.





·❧[CONCLUSÃO]❧·

49 O encontro de Cristo e com Cristo que acabamos de realizar nunca ficará concluído. Isto é, faz parte dele o compromisso e empenho na conquista de outros para um encontro idêntico — sobretudo de pessoas que ainda não conhecem (suficientemente) Cristo e necessitam da força vivificante, do horizonte novo, do rumo decisivo que só Ele pode dar às suas vidas.

Para que também o seu encontro de Cristo seja pessoal, preste-se especial atenção às situações concretas em que cada um vive. É diferente a situação das crianças, jovens, adultos ou idosos. A pessoa pode estar doente ou gozar de (relativa) saúde, ser casada ou solteira, trabalhar ou estar desempregada, viver ou não na pobreza... Naquilo em que cada um mais manifeste carências e desejo de vida, é aí que tem de ser lançada a semente do Evangelho, para que seja acolhida, germine e dê frutos.

Isso depende muitíssimo de quem o transmite, depende também de mim. É fundamental que Cristo, morto e ressuscitado, Se manifeste ao vivo na fé, esperança e caridade com que me aproximo dessas pessoas, a elas me entrego e lhes falo d'Ele. E quanto mais O comunicar, maior será a Sua presença em mim e maior será a minha alegria por tê-l'O como rumo e horizonte da minha vida.

50 Como incentivo para esta tarefa evangelizadora, faz-nos bem ver, mais uma vez, como São Paulo a realizou e dela fala, designadamente no texto do qual foi tirado o título desta carta pastoral (**Col 1, 24 - 29**):

²⁴*Agora, alegro-me com os sofrimentos que suporto por vós
e completo o que falta à paixão de Cristo, na minha carne,
em benefício do Seu corpo que é a Igreja.*

²⁵*Dela me tornei servidor,
em virtude do cargo que Deus me confiou a vosso respeito,
isto é, anunciar-vos em plenitude a palavra de Deus,*

²⁶*o mistério que ficou oculto ao longo dos séculos
e que foi agora manifestado aos Seus santos.*

²⁷*Deus quis dar-lhes a conhecer em que consiste, entre os gentios,
a glória inestimável deste mistério:*

Cristo em vós, a esperança da glória!

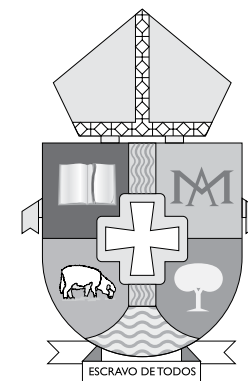
²⁸*E nós O anunciamos,
advertindo todos os homens e instruindo-os em toda a sabedoria,
a fim de os apresentarmos todos perfeitos em Cristo.*

²⁹*É para isso que eu trabalho,
combatendo com o apoio da Sua força,
que actua poderosamente em mim.*

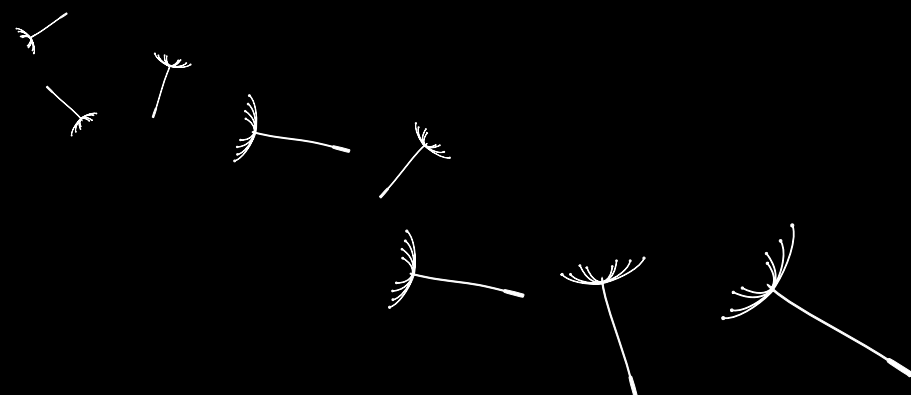
Que o Senhor, por intercessão de Santa Maria Maior, São Teotónio e o Bem-aventurado Bartolomeu dos Mártires, vos acompanhe e vos proteja com as Suas bênçãos.

*Viana do Castelo, 15 de Agosto de 2011
Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria, padroeira da nossa
Diocese, e primeiro aniversário da minha entrada na Diocese.*

† Anacleto Oliveira



CRISTO
EM VÓS:
A
ESPERANÇA
DA GLÓRIA



Esta edição da Carta Pastoral
foi composta em caracteres
“Leitura” e impressa pela
Plano Zen, Artes Gráficas,
sobre papel Coral Book de
90 g, em Setembro de 2011.

